

Joseph-Marie Piel
In “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”
BN: L.41496V.

A FLEXÃO VERBAL DO PORTUGUÊS
(ESTUDO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA)
(1944)

[Os factos e fenómenos morfológicos, que constituem o objecto do presente estudo, já foram examinados e interpretados mais de uma vez (veja-se a bibliografia). O que pretendemos nesta teoria de conjunto é classificá-los de modo mais rigoroso do que se tem feito, e submeter a um exame crítico as explicações que a seu respeito têm sido propostas. A disposição da matéria, que poderá parecer demasiado rígida, obedece a um intuito pedagógico, e teríamos satisfação em saber que fizemos trabalho útil para os estudantes de filologia portuguesa. Contrariamente ao uso até hoje seguido pelas gramáticas históricas do português (J. CORNU, J. J. NUNES, A. RIBEIRO DE VASCONCELOS, J. HUBER, E. B. WILLIAMS), julgámos conveniente analisar os vários fenómenos dentro do seu quadro hispânico, focando, na medida do possível, as evoluções paralelas em espanhol e galego, sem contudo aspirarmos a escrever um tratado de morfologia comparativa propriamente dita.].

A. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. Contrariamente ao que sucede com o nome, o *verbo românico* herdou do latim um sistema variado de flexão. Contudo a conjugação portuguesa, como a românica em geral, não oferece a mesma riqueza de formas que a latina. Houve uma simplificação, que varia segundo os idiomas, e que em português e espanhol não atinge o grau a que chegou, p. ex., no francês. As perdas que se verificam em tempos e modos devem-se, em primeiro lugar, às alterações que estes sofreram nas suas funções. Formas arcaicas, raras e equívocas foram eliminadas para serem substituídas por novas, mais claras e expressivas, o que explica o extraordinário desenvolvimento de formações perifrásticas. Assim, a ausência de formas românicas correspondentes a AMABO e AMOR, explica-se pela circunstância de a língua popular latina ter recorrido a outros meios para exprimir, de maneira mais imediata e viva, as ideias que aquelas formas encerravam. É diferente deste caso o da redução do número absoluto de formas pessoais nos idiomas modernos. Se hoje o português perdeu a distinção formal entre DIXĪ e DIXĪT, empregando-se nos dois casos *disse*, tal fenómeno resulta unicamente da evolução fonética, que fez emudecer o *t* final e coincidir Ī com I. Por outro lado, é natural que o homomorfismo, quer dizer a coincidência formal de morfemas originariamente distintos, tenha contribuído para a decadência de determinados tempos e modos. Assim, admite-se geralmente que foi a fusão fonética do perfeito do conjuntivo com o futuro do perfeito (em todas as pessoas, menos na 1.^a do sing.), que determinou a perda, senão de ambas, pelo menos da primeira destas modalidades verbais. Que o homomorfismo por si só não chega para explicar a eliminação de um elemento verbal, prova-o eloquentemente uma forma como o port. *cantar* que, mesmo na língua falada, se usa hoje com triplo valor: o de infinito, de infinito pessoal e de futuro do conjuntivo. Se examinarmos a sua origem nas duas últimas acepções, reconheceremos o outro factor importante da evolução morfológica, a que aludimos: a atribuição de novas funções a determinados tempos e modos. Com efeito, *cantar*, na acepção de futuro do conjuntivo, ascende ao futuro do conjuntivo latino, CANTAVERO (Cf. o ant. esp. *cantaro*), ao passo que na função de infinito pessoal assenta no imperfeito do conjuntivo, CANTAREM.

2. O verbo latino, que estava longe de possuir toda a riqueza do verbo indo-europeu, visto que lhe faltavam a voz média, o modo optativo e o número dual, sofreu na última fase da sua história mais amputações, perdendo a voz passiva (excepto o particípio, AMATUS), os depoentes, o imperativo (aliás, raro) em *-to*, o gerundivo¹, o futuro do indicativo AMABO (substituído pela perífrase AMARE HABEO), o imperfeito do conjuntivo AMAREM (cujo lugar foi preenchido pelo mais-que-perfeito do conjuntivo, *amasse*), o perfeito do conjuntivo AMAVERIM (que cedeu o passo a *tenha amado*), o infinitivo passado AMAVISSE, o particípio do futuro AMATURUS, e finalmente os supinos AMATUM e AMATU, absorvidos pelo particípio do passado, homófono. Em contrapartida, as línguas continuadoras do latim equilibraram a perda desses tipos tradicionais que, ao que parece, exprimiam noções demasiado subtis para estarem ao alcance de todos e para se não prestarem a confusões, recorrendo a *criações novas*, de carácter perifrástico, por via de regra, e daí mais inequívocas e expressivas que as formas antigas. Estas inovações são: o novo futuro *amar-ei*, que gramaticalmente se sintetizou; o condicional *amar-ia*, de formação análoga, e os tempos compostos *tenho*, ant. *tive*, *tivesse*, *terei* e *teria amado*, onde pode também servir de auxiliar o verbo *haver*. As principais inovações, que se operaram no sistema verbal latino em relação com o português, vêm resumidas no quadro que se segue, sendo as formas latinas dispostas em duas séries que correspondem às duas conhecidas significações fundamentais indo-europeias de «infectum» (acção não acabada) e de «perfectum» (acção acabada). Os colchetes [] indicam as formas que se perderam, os sinais < > aquelas que assumiram nova função, o itálico as formas portuguesas que sucederam ou se substituíram a estas duas categorias.

Deve, porém, frisar-se que a distinção primitiva entre «infectum» e «perfectum», já bastante abalada no próprio latim clássico, perdeu no românico quase completamente o seu valor, tendo a noção racional de tempo prevalecido sobre a mais concreta de aspecto. Assim, o perfeito deixou de designar uma acção acabada, para se tornar pretérito, quer dizer: exprimir simplesmente uma acção passada.

		infectum	perfectum	
indic.	{	presente	AMO	AMAVI
		imperfeito	AMABAM	AMAVERAM
		futuro	[AMABO] <i>amarei</i>	<AMA(VE)RO> <i>terei amado</i>
conj.	{	presente-fut.	AMEM	[AMAVERIM] <i>tenha amado</i>
		imperfeito	<AMAREM> <i>amasse</i>	← <AMAVISSEM> <i>tivesse amado</i>

3. As causas que determinaram a decadência da *passiva* hão-de buscar-se na extrema complexidade desta voz, que devia constituir um sério obstáculo a que fosse adoptada pelas populações romanizadas, tanto mais que numerosas formas passivas eram pouco usadas. Partindo do particípio passado, AMATUS, que se generalizou como particípio presente passivo (valor que já possuía em algumas construções tradicionais latinas), substituiu-se AMOR pela perífrase SUM AMATUS, o que deu origem a um tipo inteiramente novo de conjugação: ERAM AMATUS por AMABAR, SIM AMATUS por AMER, ESSEM AMATUS por AMARER. Entram igualmente neste sistema os novos futuros e condicionais compostos com HABERE: *serei amado*, *seria amado*, etc. No pretérito, SUM é substituído por FUI. Quanto aos depoentes, que também nenhum vestígio deixaram nas línguas românicas, a tendência para os substituir por verbos activos vem de longe, encontrando-se já em Terêncio, por exemplo, HORTO por HORTOR.

4. Aos quatro *tipos da conjugação* latina correspondem, em português, apenas três, caracterizados pelas vogais temáticas *a, e, i*. Tal redução deve-se à absorção, em tempos proto-históricos, dos verbos da 3.^a conjugação (em -ĔRE) pelos da 2.^a (em -ĒRE), tendência que já se nota na «Peregrinatio» (2.^a metade do séc. IV), onde numerosos verbos daquela conjugação se flexionam segundo o modelo desta. Na Sicília e na Sardenha, produziu-se o fenómeno inverso, ou seja, o triunfo da 3.^a classe sobre a 2.^a, ao passo que no italiano, francês e provençal-catalão subsiste a distinção entre estas duas categorias, cf. fr. *perdre*, it. *perdere* a par de *devoir, dovere*. Abstraindo da fusão dos verbos com tema em *e*, deu-se uma série de permutas entre as diferentes conjugações, umas que remontam ainda ao latim, sendo por este motivo inter-românicas, outras que se produziram independentemente umas das outras, no decorrer da evolução de cada idioma.

5. Os verbos em *-ar* constituem a categoria mais rica e fecunda da conjugação portuguesa (e românica, em geral), sendo na sua maioria fiéis continuadores de verbos latinos da 1.^a conjugação. Chamaram a si alguns verbos pertencentes a outras classes, como *minguar* (MINUĒRE), *torrar* (TORRĒRE), *fīar* (FIDĒRE), *molhar* (MOLLĪRE). De um modo geral, é nesta conjugação que ingressam os verbos que a língua criou e continua a criar independentemente do latim. Ao grande número de verbos derivados por meio de sufixos, como -ICARE (*folgar*), -NTARE (*espantar, rebentar*), -IDIARE (*bocejar*) vieram juntar-se os latinismos em *-izar* (*concretizar*) e *-itar* (*dormitar*). Também os verbos germânicos em -AN e -ON são tratados como verbos em *-ar*: WARDAN > *guardar*; RAUBON > *roubar*, ao passo que os terminados em *-ián* foram atraídos pelos verbos em *-ir*.

6. A conjugação em *-er* abrange, segundo já notámos, os verbos da 2.^a e 3.^a conjugação latina. Lembremos que o latim conhecia formas divergentes como OLĒRE, STRIDĒRE, FERVĒRE, etc. Podem considerar-se como restos da 3.^a conjugação os infinitos *far, dir* e *trar*, formas particulares que entram na formação do futuro e condicional. Em face do ant. esp. *femos, feches*, que indubitavelmente reflectem FÁCIMUS, FÁCITIS², e do ant. port. *tréyde, tréydes*, que procedem de TRÁHITE, TRÁHITIS (cf. D. Carolina Michaëlis, *RL* III, 188), não há motivo para se não admitir esta explicação³. Com rigor *far* poderia explicar-se como sendo formado analogicamente a *dar* (Grandgent), interpretação que todavia não é aplicável a *dir*. A conjugação em *-er* não atrai verbos das outras classes, tendo pelo contrário perdido muito do seu primitivo património, que transitaram para os verbos em *-ir*, principalmente quando formavam a 1.^a do pres. em -IO ou -EO, como sucede com *fugir, parir, possuir* e *rir, luzir*, ant. *gouvir*, que em latim tinham um infinito em -ĔRE e -ĒRE, respectivamente. Tais perdas foram em parte compensadas pelo grande incremento que tomaram os verbos incoativos em -ESCERE/ *-ecer*, que com frequência se substituíram a verbos em *-ir*, ou se criaram a par deles, cf. *falecer/falir, escarnecer/escarnir, guarecer/guarir*.

7. A conjugação em *-ir* é, depois daquela em *-ar*, a mais fecunda. Ampliou consideravelmente o seu âmbito primitivo, atraindo uma série de verbos latinos com tema em *e*, como PETĒRE /*pedir*, CONSPUĒRE /*cuspir*, MULGĒRE/*mungir*⁴, sem contar os verbos em -IO e -EO a que fizemos referência no parágrafo anterior. Compreende-se que a identidade da terminação em FUGIO e DORMIO pudesse levar à constituição de um novo infinito * FUGĪRE, em harmonia com DORMIRE. Deve, porém, frisar-se que nem todos os verbos em -IO e -EO desertaram a sua classe primordial, segundo se vê por *saber, fazer, encher*, etc., que, apesar de SAPIO, FACIO, IMPLEO, não apresentam hoje infinitos em *-ir*. Nalguns verbos a substituição de *-er* por *-ir* produziu-se, aliás, só posteriormente à Idade Média, época em que ainda se dizia *finger, cinger, caer, munger, correger, aduzer, esparger*. etc. Neste pormenor o espanhol foi ainda mais longe que o português, dizendo *decir, concebir, arrepentir*, verbos que nesse idioma continuam a fazer parte da 2.^a conjugação. É verdade que, ao invés, o espanhol conservou *caer*. Já referimos no § 5.^o que os poucos verbos germânicos em *-ián* que passaram para as línguas românicas se incorporaram nos verbos em *-ir*: WARNJAN > *guarnir*, SKIRNJAN > *escarnir*, WARJAN > ant. *guarir*. Cabe, enfim, dizer que os verbos latinos em -ĔRE recentemente tomados ao latim, fazem igualmente o infinito em *-ir*: *imbuir* IMBĒERE, *discernir* < DISCERNĒRE.

8. A *evolução das flexões* obedece a uma tendência geral para uniformizar e simplificar a conjugação, para reduzi-la a um esquema homogêneo, eliminando-se formas anómalas e procurando-se fazer corresponder uma determinada função a uma forma de flexão idêntica. Esta intervenção da língua torna-se particularmente necessária devido à acção desorganizadora da evolução fonética que, ora associando morfemas originariamente distintos (cf. DEDĪ e DEDĪT > *dei*, confusão que levou à criação de *deu*), ora dissociando morfemas semelhantes (cf. DIXĪT > *disse*, mas MANSĪT > ant. *más*), vai destruindo o equilíbrio das formas. Deste modo a conjugação parece-se com um edifício que, devido à sua antiguidade, é ameaçado de ruína, e que exige um trabalho de restauro contínuo. Formas aberrantes só têm probabilidade de viver quando pertencem a verbos de uso frequente, que se mantêm sempre presentes ao espírito, sendo nos outros casos a pouco e pouco adaptadas a tipos que maior papel desempenham na língua. A acção da analogia (aquela força reguladora e compensadora, que é um factor decisivo das transformações morfológicas) não se faz apenas sentir de morfema para morfema, mas também de verbo para verbo. Sirvam de exemplo, para o primeiro caso, formas incorrectas como *tu cantastes*, *tu fizestes*, que se ouvem mesmo em pessoas cultas e que se explicam pelo facto de a 2.^a sing. de todos os outros tempos terminar em *s*; para o segundo, o pretérito *estive*, que não deriva do ant. **estide* (cf. 3.^a *estede*) < STETĪ, mas deve a sua desinência a *tive* < TENUI.

9. Sendo o *infinitivo* a forma que exprime a noção do verbo no seu maior âmbito, não admira que tenda a tornar-se formalmente a base da flexão. Assim, a língua sentiu a conveniência de restabelecer a antiga solidariedade existente entre o infinito e o futuro, destruída nas formas arcaicas contractas *querrei*, *terrei*, *porrei*, normalizando-as para *quererei*, *terei*, *porei*. Dá-se, todavia, também o caso de ser o infinito a acomodar-se a outra forma do verbo. *Erguer*, p. ex., que antigamente se pronunciava *erger*, deve o seu *gu* à 1.^a ind. pres. *ergo* e conj. *erga*. Por vezes, a língua reage contra acidentes fonéticos com a amputação total de um verbo. Afigura-se-nos que foi a conjugação extremamente complexa do antigo verbo *māer* < MANĒRE: pres. *manho*, **māes*, *man*, pret. *masi*, *maseste*, *mas*, fut. *marrei*, etc, que, se não determinou, pelo menos apressou a sua eliminação e substituição por *ficar*. A evolução fonética pode também fazer coincidir a conjugação de dois verbos em todas as suas formas. É o que aconteceu com *aque(e)cer* < AD-CAĒSCERE, «acontecer», e *aque(e)cer* < AD-CADĒSCERE, homofonia que significou a sentença de morte para o primeiro.

10. Atendendo à decisiva influência exercida sobre as vogais pelo *acento tónico*, é evidente que entre as formas acentuadas no radical («fortes») e aquelas acentuadas na desinência («fracas») hão-de surgir divergências fonéticas maiores ou menores. O acento incide sobre o radical nas 1.^a e 3.^a sing. e 3.^a plur. dos pretéritos «fortes». Contrariamente ao latim, a 1.^a pessoa plur. destes pretéritos acentua-se na desinência, cf. DĪXĪMUS / *dissemos*, deslocação do acento que não se observa no francês, onde se diz *dîmes*. Embora seja estranha ao português a ditongação espontânea das vogais tónicas abertas, que caracteriza o espanhol e que se reflecte nas alternâncias *ie/e*, *ue/o*: *quero/queremos*, *ruego/rogamos*, a conjugação daquele idioma não é menos variada que a deste, devido a alternâncias de outra natureza (cf. § 19).

Destas considerações preliminares infere-se que são três os aspectos que, numa exposição histórica da flexão verbal portuguesa, devem fixar a nossa atenção: 1.º as desinências; 2.º o radical; 3.º o lugar e efeito do acento.

B. FORMAS E EVOLUÇÃO DAS FLEXÕES

CAPÍTULO I: Presente

1. As desinências

11. Indicativo

I (= lat. I)		II (= lat. II e III)		III (= lat. IV)	
-O	<i>cant-o</i>	(-EO, -IO) -O	<i>dev-o</i>	-IO	<i>durm-o</i>
-AS	<i>cant-as</i>	-ES, -ĪS	<i>dev-es</i>	-IS	<i>dorm-es</i>
-AT	<i>cant-a</i>	-ET, -ĪT	<i>dev-e</i>	-IT	<i>dorm-e</i>
-AMUS	<i>cant-amos</i>	-EMUS	<i>dev-emos</i>	-ĪMUS	<i>dorm-imos</i>
-ATIS	<i>cant-ais</i>	-ETIS	<i>dev-eis</i>	-ĪTIS	<i>dorm-is</i>
	ant. <i>-ades</i>		ant. <i>-edes</i>		ant. <i>-ides</i>
	gal. <i>-ades, -ás</i>		gal. <i>-edes, -és</i>		gal. <i>-ides, ís</i>
-ANT	<i>cant-am</i>	-ENT	<i>dev-em</i>	-IUNT	<i>dorm-em</i>

A primeira classe conservou-se fiel à conjugação latina respectiva. Na segunda, a fusão dos verbos em *ĒRE* com os em *-ĒRE* reflecte-se no plural, onde *-EMUS*, *-ETIS*, *-ENT* absorveram *-ĪMUS*, *-ĪTIS*, *-UNT*. Na terceira, nota-se apenas a troca, na 3.^a plur., de *-IUNT* por *-ENT* sob a influência da segunda conjugação, fenómeno inverso àquele que observamos na maioria dos idiomas românicos, que generalizaram *-UNT* à custa de *-ENT*, cf. o it. *vendono* e o prov. *vendon*. O emudecimento do *d* em *-ades*, *-edes*, *-ides*, que originou as desinências actuais *-ais*, *-eis*, *-is* (< *iis*), produziu-se nos princípios do séc. xv, o mais tardar⁵. A língua manteve até hoje aquela consoante nos casos em que a vogal temática se podia confundir com a da desinência, tornando o plural idêntico ao singular: *credes*, *ledes*, *vedes*, *rides*, *ides* (e também *vades*, ameaçado de se confundir com *vais*), ou quando o *d* era precedido de uma vogal, ou, melhor, de um ditongo nasal: *tendes* < *teêdes*, *vindes* < *viîdes*, *pondes* < *poêdes*, formas em que o timbre nasal se concretizou modernamente num *n*⁶. O galego conservou as desinências antigas *-ades*, *-edes*, *-ides*, desenvolvendo ao mesmo tempo um novo tipo, contraído, em *-ás*, *-és*, *-ís*. As desinências *-aides*, *-eides*, que ocorrem em falares de Entre-Douro-e-Minho (Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, 135) representam certamente uma fusão de *-ades*, *-edes* com *-ais*, *-eis*. A terminação *-endes* que aparece no Minho e, esporadicamente, noutras regiões, acusa a intervenção de *tendes*.

12. É de notar que na 1.^a pessoa do sing. a maioria dos verbos da 2.^a e 3.^a conjugação caracterizados por *-EO* e *-IO* substituíram estas desinências por *-O*, certamente sob a influência dos numerosos verbos da 3.^a terminados em *-O*. Contudo, alguns verbos de uso frequente conservaram-se fiéis à flexão clássica, como p. ex. *valho*, ant. *arço*, *manho*, assim como *faço*, *caibo*, que reflectem as formas latinas *VALEO*, *ARDEO*, *MANEO*, *FACIO* e *CAPIO*.

Na 3.^a pessoa sing., os verbos que perdiam normalmente o *e* final, devido à circunstância de o radical terminar em *r*, *l* ou *n* — cf. ant. *quer*, *fer*, *dol*, *sol*, *fal* (de *falir*), *sal* — restauraram aquela vogal em analogia com os restantes verbos; daí *quere*, *fere*, *dói* (< *doe*), *sai*. Este *e* não foi, porém, restabelecido a seguir a *c* (*ç*): *faz*, *diz*, *luz*, *traz*, *aduz*.

13. No *conjuntivo*, o esquema primitivo da flexão quase não sofreu alteração:

I		II		III	
-EM	<i>cant-e</i>	-AM	<i>deve-a</i>	-IAM	<i>durm-a</i>

-ES	<i>cant-es</i>	-AS	<i>dev-as</i>	-IAS	<i>durm-as</i>
-ET	<i>cant-e</i>	-AT	<i>dev-a</i>	-IAT	<i>durm-a</i>
-EMUS	<i>cant-emos</i>	-AMUS	<i>dev-amos</i>	-IAMUS	<i>durm-amos</i>
-ETIS	<i>cant-eis</i> ant. e gal. <i>-edes</i>	-ATIS	<i>dev-ais</i> ant.e gal. <i>-ades</i>	-IATIS	<i>durm-ais</i> ant.e gal. <i>-ades</i>
-ENT	<i>cant-em</i>	-ANT	<i>dev-am</i>	-IANT	<i>durm-am</i>

A única modificação de relevo que se pode apontar é a absorção, na 2.^a classe, de -EAM, -EAS, etc., e -IAM, -IAS, etc., por -AM, -AS, etc., fenómeno que corresponde à redução de -EO e -IO a -O, que registamos no § anterior. Os poucos verbos que, na 1.^a sing. ind., se subtraíram a este trabalho de normalização, mostram esta particularidade também em todas as formas do conjuntivo: *valha*, ant. *arça*, *manha*, a par de *faça*, *caiba*, *saiba*, cuja estrutura fonológica exige um conjuntivo em -EAM ou -IAM, respectivamente.

Acrescentemos ainda que na linguagem popular se observa a tendência de, na II e III classe, se normalizar a acentuação, dizendo-se *dévamos*, *dévades* e *dúrmamos*, *dúrmades*, por analogia com as formas do sing. e da 3.^a pessoa do plural.

14. As duas pessoas do *imperativo* latino que sobreviveram em português (2.^a sing. e plur.) oferecem evolução normal:

	I		II		III
-A	<i>cant-a</i>	-E	<i>dev-e</i>	-Ī	<i>part-e</i>
-ATE	<i>cant-ai</i> ant. e gal. <i>-ade</i>	-ETE	<i>dev-ei</i> ant. e gal. <i>-ede</i>	-ĪTE	<i>part-i</i> ant. e gal. <i>-ide</i>

As antigas desinências *-ade*, *-ede*, *-ide* conservaram-se até hoje em falares da Galiza e de Leão, regiões que, porém, não ignoram as reduzidas *-ai*, *-ei*, *i*, usadas igualmente em certas regiões de Castela. O *d* do plural mantém-se hoje em português nas mesmas circunstâncias e nos mesmos verbos em que é mantido na 2.^a pessoa plur. do indicativo: *crede*, *lede*, *vede*, *ride*, *ide*, *tende* e *vinde* (cf. § 12). Os antigos imperativos *dí*, *fa* e *adú*, resultantes da evolução regular de DĪC, FAC e ADDŪC, cederam o passo às formas normalizadas *diz(e)*, *faz(e)*, *aduz(e)*

15. Enquanto que o espanhol dispõe, no *gerúndio*, (que, como se sabe, assumiu o papel de participio activo) apenas de duas terminações, *-ando* (I) e *-iando* (II e III: *temiendo*, *dormiendo*)⁷, o português distingue três tipos correspondentes às três classes de conjugação⁸:

-ANDUM	-ENDUM	-IENDUM
<i>cant-ando</i>	<i>dev-endo</i>	<i>dorm-indo</i>

É evidente que *-indo* não procede directamente de -IENDUM, mas foi criado em harmonia com *-ando*, *-endo*. Observa-se esporadicamente a curiosa tendência de flexionar o gerúndio à imitação do infinito pessoal: *em tu comendos* (Nunes, *Dial. algarvios*, RL, VII, 51); *saindo-mos de casa* (Soares de Azevedo, *Linguagem pop. de Ervedosa do Douro*, RL, XXVII, 59). Antigamente, o gerúndio podia ser precedido da preposição *sem* (p. ex. *sem fazendo*), como sucede ainda hoje com *em*.

16. Tendo o gerúndio a pouco e pouco assumido, em português, as funções verbais do *participio* não admira a ausência desta última categoria no quadro moderno da conjugação portuguesa. A decadência do participio presente parece ter-se produzido nos meados ou fins do século XIV. Sendo, efectivamente, empregue na mais antiga versão conhecida da Regra de São Bento⁹ (atribuída aos princípios do referido século)¹⁰ com frequência e com nítido valor verbal, falta por completo nas

duas redacções subsequentes, dos princípios e meados do séc. XV. Onde a mais antiga diz *estante, dizente, dorminte*, estas empregam invariavelmente *estando, dizendo dormindo*¹¹, a não ser que recorram a uma oração relativa com *que*. É natural que a língua não eliminasse simultaneamente todos os participios em *-ante, -ente, -inte* (que reflectem o acusativo do participio em *-ANS, -ENS, -IENS*), e ainda no séc. XVI Garcia da Orta podia escrever *estante em Goa*. Constituem reminiscências do participio as formas invariáveis, equivalentes a preposições, *salvante, tirante, passante*, e as locuções *temente a Deus, a mão tente, bem falante*, etc. Cf. J. Moreira, *Estudos I*, 93. Abstraindo destes casos, os participios tornaram-se adjectivos: *semelhante, doente*, ou substantivos: *figurante, tenente (= lugar tenente), pedinte*, cf. Leite de Vasconcelos, *Lições*, 2.^a ed., p. 188.

2. O radical

a) Vogal radical

17. No presente do *indicativo*, onde quatro formas fortes, CANTO, CANTAS, CANTAT, CANTANT, rivalizam com duas fracas, CANTAMUS, CANTATIS, o timbre da vogal radical obedece à distinção fundamental entre vogais tónicas e átonas, sem que a ortografia dê conta da diferença. Esta, que acusticamente pouco se nota em *falo — falamos*, é muito nítida em *dêves — dævemos* e *dõrmes — durmimos*.

18. Em numerosos verbos, também o *vocalismo das formas fortes* não é homogéneo. A grande riqueza de alternâncias (variações, apofonia) vocálicas que a língua portuguesa oferece, deve-se essencialmente a três factores fonológicos, caracterizados pelas expressões de inflexão, metafoia e atracção. Entenda-se pela primeira uma adaptação (aproximação gradual) da vogal radical à vogal final (*esse - ęssa*)¹²; pela segunda, uma alteração do timbre daquela vogal sob a acção da semivogal *i* (VINDEMLA > vindima); pela terceira, a passagem desta semivogal para a sílaba tónica (FĒRIA > feira). Inflexão e metafoia, que muitas vezes andam intimamente associadas, têm um carácter assimilatório; a atracção obedece a um princípio dinâmico.

19. Os *tipos de alternância* que ocorrem dentro das formas fortes são representados pelas oito séries seguintes:

inflexão	{	1. <i>ę</i> — <i>ę</i> <i>teço,</i> <i>tęces,</i> <i>tęce;</i> <i>teça:</i> TĚXO
		2. <i>o</i> — <i>o</i> <i>cozo,</i> <i>cõzes,</i> <i>cõze;</i> <i>coza:</i> CÕQUEO
metafoia+ inflexão	{	3. <i>i</i> — <i>ę</i> <i>sirvo,</i> <i>sęrves,</i> <i>sęrve;</i> <i>sirva:</i> SĚRVIO
		4. <i>u</i> — <i>o</i> <i>durmo,</i> <i>dõrmes,</i> <i>dõrme;</i> <i>durma:</i> DÕRMIO
atracção	{	5. <i>ai</i> — <i>a</i> <i>caibo,</i> <i>cabes,</i> <i>cabe;</i> <i>caiba:</i> CAPIO
		6. <i>oi</i> — <i>o</i> [<i>coimo</i>], <i>cõmes,</i> <i>cõme;</i> [<i>coima</i>] CÕMEDO
		7. <i>ei</i> — <i>ę</i> [<i>feiro</i>], <i>fęres,</i> <i>fęre;</i> [<i>feira</i>] FĚRIO
vogal de transição	{	8. <i>ei</i> — <i>ę</i> <i>creio,</i> <i>crês,</i> <i>crê;</i> <i>creia:</i> CRĚDO

20. Pertencem ao *primeiro tipo*, *ę/ę*, além de *teço*, os verbos *rejo, verto, fervo* e *dęvo, bębo*, do lat. RĚGO, VĚRTO, FĚRVEO e DĚBEO, BĪBO. A estrutura fonética destas formas latinas é demasiado diferente para dela se poder derivar o fenómeno da inflexão portuguesa. Temos, com efeito, três verbos com *ę* tónico, e dois com *ę* tónico¹³, havendo em ambos os grupos uma forma com semivogal. Como esta semivogal deixou de se articular na maioria dos verbos em *-ERE* (cf. § 12), não é lícito atribuir-lhe a inflexão. Por outras palavras, é inadmissível supor que o *ę*, se fechou

primeiro em *fervo*, propagando-se o novo timbre a *rejo* e *verto*. Esta hipótese não responderia também à pergunta referente à razão por que o *ę* primitivo de *dęvo* e *bębo* se abriu em *dęves* e *bębes*. Não há dúvida de que estamos em presença de um princípio fonológico interno do português, dependendo a qualidade fechada da vogal tónica do *o*, e a aberta do *e* da desinência.

20a. Encontram-se em caso idêntico os verbos que se conjugam segundo o modelo do *segundo tipo*, *o/o*, ou seja *movo*, *mordo*, *torço*, *como* e *sorvo*, do lat. MŎVEO, MŎRDEO, TŎRQUEO, CŎMEDO e SŎRBEO. Em todos estes verbos, *o* fechado alterna com *o* aberto, segundo o mesmo princípio que *ęe* e *ę* nos verbos apontados acima. É possível que no português arcaico se pronunciasse ainda *verto* e *cozo*, como sugere Williams, § 176, que faz referência a outras tentativas de explicar o fenómeno que aqui nos ocupa.

20b. Falta só referirmo-nos ao *conjuntivo*, que em todas as pessoas apresenta *e* ou *o* fechados, quando é certo que, nas outras categorias de palavras, o *a* final condiciona, de um modo geral, uma vogal tónica aberta, cf. *vite_lo* – *vite_la*, *formoso* – *formosa*. Responderemos a tal dúvida com dizer que, neste caso, a solidariedade morfológica existente entre a 1.^a pessoa do indicativo e as formas do conjuntivo se revelou mais forte que os factores fonéticos.

21. As alternâncias do *terceiro* e *quarto tipo* têm um carácter um pouco diferente do analisado no parágrafo antecedente. Aqui, o grau de oclusão da vogal tónica é maior, transitando *ę* para *i*, e, paralelamente, *o* para *u*. Os verbos que mostram esta particularidade procedem todos de verbos em -IRE:

a) *minto*, *mentes*, *mint*a: MĚNTIO; *sirvo*, *sęves*, *sirva*: SĚRVIO; *firo*, *fęres*, *fira*: FĚRIO; *sigo*, *segues*, *sig*a: *SĚQUIO; *sinto* *sentes*, *sinta*: SĚNTIO; *visto*, *vestes*, *vista*: VĚSTIO;

b) *durmo*, *dormes*, *durma*: DŎRMIO; *cubro*, *cębres*, *cubra*: COOPERIO; *acudo*, *acędes*, *acuda*: [AD]CŬTIO; *tusso*, *tęsses*, *tussa*: TŬSSIO; *fujo*, *fęges*, *fuja*: FŬGIO.

No nosso parecer, e deixando de parte outras tentativas de explicação, o *i* de *sirvo* e o *u* de *durmo* resultam da acção combinada da metafonia e da inflexão. Analogamente a SUPĚRBIA que, através do ant. *sobervha* (= *sobęrvia*), passou a *soberba*, SĚRVIO evoluciona para ant. *servho*, donde *sęrvo*, resultando a forma moderna *sirvo* da inflexão do *ę* sob a acção do *o* final. Basta ter-se presente a palavra *siso* < ant. *seso* (Graal, CV, etc.) < SENSU, para se reconhecer a exequibilidade desta interpretação. A série DŎRMIO, *dormho*, *dormo*, *durmo* ilustraria a evolução paralela dos verbos com *o*. As grafias *servo* e *dormo* ocorrem, com efeito, em textos antigos, a par de *servho* e *dormho*, encontrando-se a forma moderna *sirvo* já no Cancioneiro da Ajuda. Nos verbos *acudir*, *tossir* e *fugir*, cujos étimos latinos tinham *o* (<Ŭ, Ŏ), a 2.^a e 3.^a pessoas subordinaram-se ao esquema *u* – *o*, dizendo-se *acędes*, *tęsses*, *fęges*, quando historicamente se esperaria, **acędes*, **tęsses*, **fęges*. Reconhecemos aqui o mesmo princípio que levou a *dęvo*/*dęves*, cf. § 20. Não se pode passar em silêncio o facto de algumas das formas apontadas serem produto de um trabalho de normalização. De MĚNTIO, SĚNTIO, o português arcaico tirava regularmente *menço*, *senço*, com transformação normal de TI > ç, cf. *CREDĚNTIA > *crença*. Como, porém, tal alteração vinha isolar a 1.^a pessoa do ind. das restantes pessoas, reintegrou-se o *t*, conjugando-se aqueles verbos segundo o modelo de *sirvo*¹⁴. Esta adaptação, a avaliar por *sent*o (Graal), deve ser bastante antiga. As mesmas razões levaram à substituição do ant. *feiro* < FĚRIO por *firo*. É antiga a tendência popular de generalizar o *i* ou *u* da 1.^a pessoa.

22. Acontece que o princípio da inflexão vocálica se aplica a verbos com Ī, Ū, onde historicamente não se justifica. É o caso de *frijo* *fręges* e *sumo*, *sęmes*, correspondentes a FRĪGO, FRĪGIS e SŪMO, SŪMIS, em que o *i*, *u* são primitivos, e o *ę*, *o* analógicos.

Apresentam a alternância *i/ę*, *u/o*, também os verbos *eruditos*, de introdução mais ou menos moderna, como *competir*, *repetir*, *compelir*, *repelir*, *aderir*, *reflectir*, *discernir*, *deferir*, *convergir*, etc. Há, porém, outros que fogem a esta norma, generalizando o *i* ou, respectivamente, o *u* da 1.^a pessoa, p. ex. *dirijo* – *diriges*, *divides*, *prevines*, *progrides*, *transgrides* e *pulo* – *pules* (de *polir*),

surtos (de *surtir*), *entupes* (de *entupir*), *curtes* (de *curtir*). cremos que tais «exceções» se devem principalmente à preocupação de evitar formas que evoquem outros verbos, de manter, p. ex., distintas as formas de *pulir* das de *pular*, as de *surtir* das de *sortir*, e as de *cortir* das de *cortar*. É também de ponderar que uma 2.^a pessoa que soasse **divedes* poderia facilmente dar a impressão de pertencer a um composto de *vedar* e que uma conjugação *previno*, **prevenes* levaria fatalmente a **prevens*, e com isto à perda do carácter culto do verbo *prevenir*. O povo, nalguns casos, procura integrar verbos daquela categoria no esquema que lhe é familiar, dizendo p. ex. *entupo*, *entopes*; *curto*, *cortes*.

23. A par dos casos em que a semivogal *i* modifica o timbre da vogal tónica, existem outros em que ela é atraída, formando ditongo com esta. Sobre o fenómeno da *atracção* veja-se o § 18. Assim alternam: 1.º *ai* com *a*: *caibo*, *cabes*, *caiba*, < CAPIO; [beir. *saibo*], *sabes*, *saiba*, < SAPIO; 2.º [moiro], *mõrres*, [moira]; [*coimo*], *cõmes*, [*coima*], < CÔMEDO; 3.º *ei* com *ę*: [*queiro*]¹⁵, *requeiro*, *quęres*, *queira*; [*feiro*], *feres*, [*feira*], < *FERIO. Da alternância *oi*–*o*, o português moderno já não oferece nenhum exemplo, sendo os ant. *moiro*/*moira*, *coimo*/*coima* expulsos pelas formas analógicas *morro*/*morres* e *como*/*cõmes*, do tipo *cozo*/*cõzes*. Dos verbos com *ei* – *ę*, a língua reteve apenas *requeiro* e *queira*, dizendo hoje *quero* e *fęro*, sem inflexão do *ę* para *ę*, anomalia que certamente se deve atribuir ao *r* seguinte, cf. *espero* < SPERO. Também o conj. *feira* cedeu o lugar a *fira*. Quanto à alternância *ai* – *a*, não creio que a forma regional beiroa *saibo* derive directamente de SAPIO, que, a avaliar pela antiguidade de *sei*, evolucionou em solidariedade com *AIO > *hei*. Foi certamente refeita sobre *saiba* < ant. *sabha*, *saibha*.

24. Certos verbos apresentam na 1.^a pessoa sing. um *ei* que não é devido, como em ant. *feiro*, à *atracção*, mas ao facto de um *i* de *transição* (eufónico, não etimológico) se ter introduzido entre duas vogais em hiato. Refiro-me a *creio* < ant. *creo* < CREDO e *leio* < ant. *leo* (de *leer* < LĒGERE). O hiato, por seu lado, é originado pelo emudecimento de uma consoante intervocálica que, além de *d* (como em *creo*), pode ser um *l*: *receio* < RECĒLO, ou um *n*: *ceio* < CĒNO. Nestes verbos em *-ar*, o ditongo, na verdade, caracteriza naturalmente todas as formas fortes, o mesmo sucedendo com os verbos em *-ear*: *passeio*, *vagueio*, *granjeio*, *pranteio*. Esta flexão *-eio*, *-eias*, etc., estendeu-se analogicamente a alguns verbos eruditos em *-iar*: *comerceio*, *medeio*, *licenceio*, *remedeio*, *presenceio*, *incendeio*, *sentenceio*, ao passo que outros, por razões que não conseguimos descobrir, se mostram refractários a esta inovação: *contrario*, *evidencio*, *vario*, *sacio*, etc. É de notar que *criar* faz *crio*, em contradição com *procreio* e *recreio*, possivelmente para evitar confusão com a forma respectiva de *crer*.

25. No aspecto das alternâncias, o *espanhol* opõe-se nitidamente ao português, não variando, de um modo geral¹⁶, o timbre da vogal radical das formas fortes, cf. *sirvo*, *sirves*, *sirve*, *sirven* e *pudro*, *pudres*, *pudre*, *pudren*, onde a vogal originariamente privativa da 1.^a pessoa se impôs às outras¹⁷. Em compensação, o castelhano oferece as alternâncias que resultam da ditongação espontânea das vogais tónicas Ę e Ő ou seja *ié/e*, *ué/o*: *quiero*/*queremos*, *acuerdo*/*acordamos*, caracterizando o ditongo todas as formas fortes, e o monotongo as fracas. A frequência dos verbos com Ę, Ő, fez com que este tipo de inflexão se propagasse a verbos que no latim tinham Ē, Ō, segundo se vê pelos exemplos *pienso* < PĒNSO e *muestro* < MŌNSTRO. Dentro das formas fracas, as alternâncias que opõem *sentimos* a *sintamos*, e *dormimos* a *durmamos*, correspondem às do português. Em contrapartida, este idioma, visto lhe ser alheia a ditongação acima referida, não tem as alternâncias que aparecem dentro do conjuntivo espanhol: *sienta*/*sintamos*, *duerma*/*durmamos*.

I. Alternância a dois termos:

<i>i/e</i> :	<i>visto</i>	<i>vestimos</i>	<i>vista</i>	<i>vistamos</i>
<i>u/o</i> :	<i>pudro</i>	<i>podrimos</i>	<i>puadra</i>	<i>puDRAMOS</i>

II. Alternância a três termos:

<i>ie/e/i</i> :	<i>miento</i>	<i>mentimos</i>	<i>mienta</i>	<i>mintamos</i>
<i>ue/o/u</i> :	<i>duermo</i>	<i>dormimos</i>	<i>duerma</i>	<i>durmamos</i>

b) Consoante radical

26. Por vezes, e devido a razões nem sempre reconhecíveis, a semivogal *i*, em vez de inflexionar a vogal, afecta a *consoante radical*, palatalizando-a. As consoantes, em que se pode produzir este fenómeno, são *c*, *t* e *d*, que se transformam em *ç*, assim como *n*, *l*, *m*, *v* e *p*, donde resultaram, respectivamente, os sons palatais graficamente representados por *nh*, *lh*, *mh*, *vh* e *bh*, dos quais a língua conservou apenas os dois primeiros. Resumimos as alternâncias consonânticas do português no quadro histórico que se segue:

I	1.	CI	<i>ç/z</i>	FACIO,	-IAM: <i>faço,</i>	<i>faça</i>	FACIS: <i>fazes</i>
	2.	TI	<i>ç/d</i>	*PETIO,	-IAM: <i>peço,</i>	<i>peça</i>	PETIS: <i>pedes</i>
			<i>ç/t</i>	MENTIO,	-IAM: [<i>menço,</i>	<i>mença</i>]	MENTIS: <i>mentes</i>
	3.	DI	<i>ç/v</i>	AUDIO,	-IAM: <i>ouço</i>	<i>ouça</i>	AUDIS: <i>ouves</i>
II	4.	NI	<i>nh/-</i>	TENEO,	-EAM: <i>tenho,</i>	<i>tenha</i>	TENES: <i>tens</i>
	5.	LI	<i>lh/l</i>	VALEO,	-EAM: <i>valho,</i>	<i>valha</i>	VALES: <i>vales</i>
	6.	MI	<i>mh/m</i>	DORMIO,	-IAM: [<i>dormho,</i>	<i>dormha</i>]	DORMIS: <i>dormes</i>
	7.	VI	<i>vh/v</i>	SERVIO,	-IAM: [<i>servho,</i>	<i>servha</i>]	SERVIS: <i>serve</i>
	8.	PI	<i>bh/b</i>	SAPIO,	-IAM: —	[<i>sabha</i>]	SAPIS: <i>sabes</i>

26a. Os verbos em que o *ç* alterna com a consoante etimológica eram antigamente mais numerosos: *arço/arça*, de *arder*; *menço/mença*, de *mentir*; *senço/sença*, de *sentir*; *perço/perça*, de *perder*; *feço/feça*, de *feder*; *jaço/jaça*, de *jazer*; *preço/preça*, de *prezar*. Hoje temos apenas *faço*, *ouço*, *peço* e *meço*, tendo-se nos outros casos imposto a consoante das restantes pessoas. Os verbos do tipo II são, além dos que figuram no quadro, *ponho*, ant. *manho* (de *mãer*), ant. *comho* «cômo», ant. *chouvha* (de *chover*), ant. *gouvha* (de *gouvir* < GAUDERE), formas escritas também com *i*, em vez de *h*, que naturalmente tem o valor de semivogal (p. ex. *cómia*).

27. A palatização da consoante do radical não tem paralelo no verbo espanhol, embora o fenómeno seja normal noutras classes de palavras deste idioma, cf. PLATEA > *plaza*, CAPĪTIA > *cabeza*, PŪTEU > *pozo*. A *faço*, *peço*, *meço* e ant. *jaço* correspondem, com efeito, na língua vizinha, *hago*, *vido*, *mido*¹⁸, *yago*. Estamos, como se vê, em presença de outro arcaísmo notável do português, confirmado pelo facto de *menço* e *senço* serem anteriores a *mintto*, *sinto*. Diga-se ainda que *mido*, que antigamente rivalizava com *meço*, não conseguiu usurpar o lugar desta forma tradicional.

28. Abstraindo da acção exercida pela semivogal sobre a consoante do radical, há outros casos em que a evolução fonética destruiu a uniformidade primitiva desta consoante. É o que se observa nas oclusivas *c* e *g* que, combinadas com *i*, *e*, adoptam o valor *z* e *j*, respectivamente: *digo/dizes*; *trago/trazes*; [*adugo*]/*aduzes*; [*cingo*]/*cinges*; [*fingo*]/*finges*. Nos dois últimos verbos, a língua impôs à 1.^a pessoa ind. (e, naturalmente, também ao conjuntivo) o *j* das outras pessoas, ao passo que inversamente, em *erguer*, que antigamente se conjugava *ergo/erges*, foi o *g* da 1.^a pessoa e do conjuntivo que se insinuou em todas as formas do verbo, inclusive o infinito, o mesmo se verificando, aliás, no galego *cinguir* «cingir». Seja ainda dito que o *z* da 3.^a sing. de *fazer*, *trazer*, *dizer*, seguido do pronome átono, é assimilado ao *l*: *fá-lo* = *faz-lo*, desaparecendo praticamente, como as desinências *r* e *s*, em *vê-lo* e *vês-lo*.

29. Também os *incoativos* em *-ecer* < -ESCERE se flectiam primitivamente em conformidade etimológica com as formas respectivas latinas, dizendo-se *gradesco/gradeces/gradesca*; *meresco/-eces/-esca*; *paresco/-eces/-esca*; *nasco/naces/nasca*; *creasco/creces/crezca*, etc. Este tipo de

conjugação chegou mesmo a invadir verbos alheios à referida classe, como *jazer*, que, a par de *jaço/jazes/jaça*, fazia *jasco/jazes/jasca*. O português moderno eliminou radicalmente as formas com *sc*, generalizando o *ç*; *mereço/-eces/-ece*¹⁹. Neste pormenor, é o espanhol que se revela mais conservador, continuando a usar *agradezco/-ezca*; *nazco/nazca*; *conozco/-ozca*; *luzco, luzca*; *conduzco/-uzca*, etc.

c) Verbos isolados («anómalos»)

30. Certo número de verbos oferece uma flexão que não corresponde às normas descritas nos parágrafos anteriores, e que convém examinar à parte. Na maioria dos casos, a anomalia da sua conjugação ascende ao próprio latim, sendo por isso comum a todas as línguas românicas. Trata-se dos verbos *ser*, *haver*, *saber*, *dar*, *estar*, *ir* e *poder*.

31. Na conjugação do verbo *ser*, concorrem nada menos de três temas diferentes. A 1.^a sing. ind. soava antigamente *som*, *sam*, *são*, reflexos normais de SŪM, cf. *entom*, *entam*, *então* < *ĪNTŪNC. A forma moderna, *sou*, criou-se, ao que parece, por analogia com *estou*, *vou* e *dou*²⁰, a não ser que se prefira explicá-la como procedendo de outra variante arcaica, *sōo*, em que o *o* final se pode interpretar como analógico com a desinência regular da 1.^a pessoa dos outros verbos²¹, fenómeno que efectivamente se produziu no ital. *sono*. No tempo de Fernão de Oliveira, as quatro variantes apontadas rivalizavam umas com as outras (Cf. *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), cap. XLVII). A terceira pessoa, EST, é representada por *é*, quando seria de esperar *es*, como em espanhol. D. Carolina Michaëlis, *Gloss. Cancion. Ajuda*, 87, julga tratar-se de um paralelismo de *has*, *ha*, com que se procurou salvar a distinção formal entre a 2.^a e a 3.^a pessoa, interpretação engenhosa a que nada há que opor. O leonês tem correspondentemente *yés* e *yé*. O espanhol saiu deste dilema conservando *es* para a 3.^a pessoa, e recorrendo a *eres* para a 2.^a (Tratar-se-á com efeito do futuro ERĪS, como opina M. Pidal, *Gramática*, 6.^a ed., pp. 204 e 304?) *Somos* e *são* (ant. *som*, *sam*) condizem com SŪMUS e SŪNT, ao passo que *sois* não tem evidentemente nada que ver com ESTIS, mas deriva de uma vulgar inovação analógica, *SŪTIS. É sabido que o infinito *ser*, ant. *seer*, não assenta em ESSE nem em *ESSERE, mas em SEDĒRE²², verbo que explica não só as formas derivadas do infinito, *serei*, *seria*, mas também o imperat. *sê*, o gerúndio *sendo*, e o conjuntivo *seja*²³.

32. No verbo *haver*, apenas as duas formas acentuadas na desinência apresentam aspecto conforme com as respectivas do latim clássico: *havemos* HABĒMUS, *haveis* (< *havedes*) HABĒTIS. As restantes reflectem formas pré-românicas contraídas *HAIIO, *HAS, *HAT, *HANT: *hei* (ant. gal. *ayo*), *has*, *ha*, *hã*, cf. esp. *he*, *has*, *ha*, *han* e fr. *ai*, *as*, *a* (Meyer-Lübke, *Introdução*, § 188)²⁴. A redução de **haiio* a *hei* deu-se, possivelmente, na próclise (cf. M. Pidal, *Gramática*, 81 e Nunes, 309). O galego emprega *hamos* e *hades*, formas do plural decalcadas sobre o singular. Quando componente do futuro, *havemos* e *haveis* são amputados para *-emos*, *-eis* (*vê-lo-emos*, *-eis*). O conjuntivo *haja*, esp. *haya*, postula uma base *HAIAM (segundo *HAIIO) em vez de HABEAM. O antigo imperativo *ave* < HABE foi substituído por *ha*, mantendo-se o plur. *avei* < HABĒTE. Em falares do Sul de Portugal, *haver* liga-se por vezes intimamente à preposição *de*, dando origem a uma conjugação híbrida *hades*, *hade*, *ha(n)dem*, por *has*, *ha*, *hã*. Resta ainda apontar a antiga 3.^a *hai*, que provém da fusão de *ha* com *i* < ĪBĪ.

33. No que diz respeito a *saber*, unicamente a 1.^a sing. ind. dá motivo a uma observação: *sei* não procede directamente de SAPIO, cf. CAPIO > *caibo*, mas sofreu o ascendente de *hei*, tendo talvez existido no latim uma forma vulgar *SAIO correspondente a *HAIIO. A variante dialectal *saibo*, que se ouve na Beira, não deve constituir um arcaísmo mas antes uma forma analógica ao conjuntivo *saiba* segundo o modelo *caibo/caiba*. Também no espanhol *sé* «sei» opõe-se a *quepo* «caibo».

34. Nos verbos *dar* e *estar*, as formas literárias latinas DO, STO cederam o lugar, segundo se deduz de vários idiomas românicos (rom., ital., prov., port. e esp.), a *DAO *STAO onde se reconhece a preocupação de distinguir entre vogal radical e vogal da desinência. A forma ADNAO, por ADNO (de ADNARE «andar»), censurada na *Appendix Probi*, revela a mesma tendência que,

aliás, já invocámos para explicar a substituição do ant. *som* por *sou*, cf. § 31. Ocorre em documentos medievais latinos a forma *dau*²³, precursora da actual, *dou*. O castelhano possuía também *dó* e *estó*, que abandonou a favor de *doy*, *estoy*, sob a influência de *soy* e *voy*, que não foram ainda satisfatoriamente explicados. No conjuntivo, a antiga flexão portuguesa *estê*, *estês*, *estê*, *estemos*, etc., que viveu até ao séc. XVI, pelo menos, foi substituída por *esteja*, *estejas*, etc., sob a acção de *seja*, *sejas*. O leonês e asturiano ocidental usam *dia* e *estia*, que parecem postular *DEAM e *STEAM.

35. *Ir*. Como nas restantes línguas românicas, são vários os temas que entram na conjugação deste verbo de movimento. No presente, VADERE substitui-se a IRE nas formas fortes, dizendo-se primitivamente *vou* < VA(D)O, *vais* < VADĪS, *vai* < VADĪT²⁶, *imus* < ĪMUS, *ides* (também *iis*) < ĪTIS e *vão* < VADUNT²⁷. *Imos* (que o galego conservou) foi expulso por *vamos*, mantendo-se *ides* isolado no paradigma do presente. O triunfo de VADERE foi mais completo no espanhol, que diz também *vades*, *vai*. O ant. *vó* cedeu, nesta língua, o lugar a *voy*. Em vez de *vais* e *vai*, usa-se também, regionalmente, *vas* e *va*, talvez por analogia com *estás* e *está* (Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, § 567). No conjuntivo, *va*, ant. *vaa*, assenta regularmente em VADAM, tendo o espanhol trocado aquela forma por *vaya*, analógica a *haya*. Também o imperativo *vai* e *ide* (ant. também contraído em *hii* ou *í* cf. Graal, 377) saíram normalmente de VADE e ĪTE. Apenas *indo* não continua o clássico EUNDUM, mas constitui gerúndio modelado segundo o tipo dos verbos em *-ir*.

36. Falta apenas fazer referência à substituição de POSSE (composto de ESSE) por *POTĒRE, novo infinito tirado do tema do perfeito, e que está na base de *poder* (cf. Meyer-Lübke, *Introdução*, § 187). Tirando *posso* < POSSŪM, todas as formas do ind. pres. reflectem uma conjugação segundo o modelo dos verbos regulares da 2.^a classe, ou seja: PŌTES > *pode*, etc. No conjuntivo, a terminação insólita em -IM foi trocada em -AM: *possa* < *POSSAM.

CAPÍTULO II: Imperfeito

37. No *indicativo*, o tema é o mesmo que o das formas fracas do presente, interessando aqui exclusivamente as desinências, que são as seguintes:

	I	II, III	IV
-ABAM	<i>cant-ava</i>	-EBAM <i>dev-ia</i>	-ĪBAM <i>dorm-ia</i>
-ABAS	<i>cant-avas</i>	-EBAS <i>dev-ias</i>	-ĪBAS <i>dorm-ias</i>
-ABAT	<i>cant-ava</i>	-EBAT <i>dev-ia</i>	-ĪBAT <i>dorm-ia</i>
-ABÁMUS	<i>cant-ávamos</i>	-EBAMUS <i>dev-íamos</i>	-ĪBAMUS <i>dorm-íamos</i>
-ABÁTIS	<i>cant-áveis</i> ant. <i>-ávades</i> , esp. <i>-abais</i>	-EBATIS <i>dev-íeis</i> ant. <i>-íades</i> , esp. <i>-iais</i>	-ĪBATIS <i>dorm-íeis</i> ant. <i>-íades</i> , esp. <i>-iais</i>
-ABANT	<i>cant-avam</i>	-EBANT <i>dev-iam</i>	-ĪBANT <i>dormiam</i>

Na 4.^a conjugação latina houve desde sempre a tendência vulgar para substituir -ĪĒBAM por -ĪBAM. O emudecimento do *b* nos verbos em *-er* e *-ir*, que deu origem a *ia*, é um fenómeno pré-românico que, aliás, não foi ainda cabalmente explicado (Cf. as numerosas teorias expostas: M.-L. *Grammaire*, § 254; Bourciez, *Eléments*, § 90; Williams, § 164). Nos verbos em *-ar*, parece ter sido o facto de o *b* se encontrar entre dois *aa*, que o preservou da queda. Em II e III, *-ea* dá regularmente *-ia*, cf. VĪA > *via*. Na 1.^a e 2.^a pessoa do plural, o acento deslocou-se, sob a influência das formas fortes, da penúltima para a antepenúltima: -ABÁMUS > *-ávamos*, etc. O galego, porém, manteve-se fiel à acentuação latina: *cantabámos*, *debiámos*, *durmiámos*; *cantabádes*, *debiádes*, *durmiádes*. A conservação do *d*, que caracteriza nestes últimos exemplos a 2.^a plur., é também uma particularidade do mirandês. Entre as terminações actuais do português: *-áveis*, *-íeis* e as arcaicas *-ávades*, *-íades* deve ter existido a fase *-ávais*, *-íais*. (Cf. Fr. Luís do Monte Carmelo, *Orthographia* (1767), p. 57: «Alguns dizem *ensinávais*».)

38. Merecem referência especial os verbos com a *consoante radical -n-* Esta nasaliza a vogal precedente, comunicando-se depois o timbre nasal ao *i* acentuado da desinência: * *tenia* < TENEBAT > *tēia* > *teïa* > *tiïa* e, finalmente, *tinha*, onde o *i* nasal evoluciona para *inh* como em ant. *vño* > *vinho*. O caso é o mesmo para *vinha* < **venia*. Em *punha* < **ponia* PONEBAT, as fases de transformação são aproximadamente caracterizadas pelas formas arcaicas *pōia* (*pūia*), *poïa*, *poinha* (*puinha*). As formas com asterisco são as que o espanhol usa até hoje. Em certo número de verbos, a vogal radical é absorvida pelo *i* da terminação: *cria* < *criia* < *creïa* CREDEBAT, *lia* < *leïa* LEGEBAT, *ria* > *riia* RĪDEBAT, ant. *sia* < *seïa* SEDEBAT.

39. O *conjuntivo* latino do tipo Clássico, CANTAREM, cedeu o lugar, segundo vimos no § 2, ao conjuntivo do plus quam perfectum, CANTASSEM. Nas terminações portuguesas, a vogal temática apresenta quatro aspectos diferentes: *-asse* < -ASSEM (*cantasse*), *-isse* < -ĪSSEM (*dormisse*), *-esse* < -ĪSSEM (*devesse*) e finalmente *-essee*. Esta última desinência, que historicamente também remonta a -ĪSSEM, caracteriza os verbos com pretérito forte (§ 47): *fizesse*, *pudesse*, etc., devendo o seu *e* aberto, sem dúvida, ao futuro do conjuntivo, *fizer*, e o mais-que-perfeito ind., *fizera*. Na 1.^a e 2.^a pessoa do plural observa-se o mesmo recuo do acento que no imperfeito do indicativo: -ASSĒMUS > *-ássemos*; -ASSĒTIS > *-ásseis*, -ISSĒMUS > *-íssemos*, -ISSĒTIS > *-ísseis*, etc.

CAPÍTULO III: Pretérito chamado do perfeito

40. No *pretérito*, convém distinguir, como nas outras línguas românicas, entre duas grandes categorias de verbos: uma em que o acento se conserva em todas as pessoas na vogal temática do perfeito (ou seja, no ponto de vista moderno, na desinência); outra, em que tal coisa se verifica apenas na 2.^a pessoa do singular e nas três pessoas do plural, acentuando-se as restantes (quer dizer a 1.^a e 3.^a sing.) na vogal radical. Aplicar-lhes-emos as expressões consagradas de conjugação «fraco» e conjugação «forte», respectivamente, que correspondem ao que as gramáticas escolares costumam chamar «regular» e «irregular».

1. Pretérito fraco

41. Nos *verbos em -ARE e -IRE*, a natural tendência de manter o acento na vogal temática dera origem, em latim, na 2.^a do sing. e 2.^a e 3.^a do plur., às variantes -ASTI, -ASTIS, -ARUNT, por -AVISTI, -AVISTIS, -AVĒRUNT e analogamente -ISTI, -ISTIS, -IERUNT por -IVISTI, -IVISTIS, -IVERUNT. Estas formas contraídas, nascidas na língua falada e preferidas por bastantes poetas, provocaram por sua vez uma simplificação da terminação das restantes pessoas, que se traduz pelo emudecimento do *v*, inovação não sancionada pela língua literária, o que não impediu que triunfasse totalmente nos idiomas românicos. Eis o quadro da flexão tal qual deve ter existido no latim vulgar hispânico²⁹:

	I		II
-AVI	[-AI]	-IVI	-ĪI
-AVISTI	-ASTI	-IVISTI	-ĪSTI
-AVIT	[-AUT]	-IVIT	[*.-ĪUT]
-AVIMUS	[-AMUS]	-IVIMUS	[*.-Ī(I)MUS]
-AVISTIS	[-ASTIS]	-IVISTIS	*.-ĪSTIS
-AVERUNT	[-ARUNT]	-IVERUNT	*.-ĪĒRUNT, [*.-ĪRUNT]

41a. A pronúncia CALCAI por CALCAVI vem censurada na *Appendix Probi*. Nas glosas de San Millán (séc. x), a forma verbal SUSCITABI é explicada por LEBANTAI³⁰. A desinência -AUT por -AVIT figura num garatujo de Pompei: TRIUMPHAUT, EXMUCCAU³¹. A tal inovação

corresponde, nos verbos em -IR, a transformação de -IVIT em *-IUT, que explica o port. *-iu* (ant. *-íu*, esp. *-ió*). É evidente que -AMUS e -IMUS nasceram por analogia com -ASTIS, -ISTIS, ao passo que -ĪERUNT, que se conservou até hoje no esp. *-ieron*, cedeu, na Lusitânia, o passo a -ĪRUNT a avaliar pelo port. *-iram* (ant. *-iron*)³².

42. Os verbos latinos em -ERE faziam normalmente o perfeito em -UI, desinência que fonologicamente procede de -EVI, que nesta forma aparece apenas em alguns raros verbos como PLĒRE, FLĒRE, DELĒRE. Ora a 2ª conjugação portuguesa reflecte, pelo menos em princípio, uma flexão -EI, -ESTI, -EUT, -EMUS, -ESTIS, -ERUNT, cf. *vendei* (ant.), *vendeste*, *vendeu*, etc., apesar de não haver (como observa justamente Meyer-Lübke, *Introdução*, § 191), nenhum indício de que o latim tardio tivesse criado novos perfeitos em -EVI, -ĒI. Williams (p. 192), pretende ver nas referidas formas aquele novo tipo de conjugação românica a que se refere Meyer-Lübke no § 192 da *Introdução*, e que tem as suas raízes nos compostos de DARE, acentuados no tema e conservando a vogal primitiva: REDDĒDI, PERDĒDI, VENDĒDI, etc.³³. Baseiam-se em tal flexão, com efeito, os perfeitos italianos em *-etti*³⁴ e os do fr. arc. em *-iet*, mas isto não é razão suficiente para a postular para o português. É nossa convicção que, por analogia a *-este* < -(U)ĪSTI, *-estes* < (U)ĪSTIS e *-eron* < -(U)ERUNT, e segundo o modelo de -AI, -AUT e -Ī, *-IUT, este idioma hispânico podia com facilidade ter chegado a *-ei*, *-eu* e *-emos*, trocando depois *-ei* por *-i* sob a influência dos verbos em *-ir*.

43. Eis uma *vista de conjunto* sobre as desinências do pretérito fraco, sendo as formas entre colchetes as espanholas, e as em tipo menor, as galegas.

	1. -AR	2. -ER	3. -IR
Sing.	1. <i>-ei</i> [-e] <i>-ei</i> , <i>-in</i> (raro)	<i>-in</i> , ant. <i>-ei</i> [-i] <i>-in</i> , <i>-ei</i> (raro)	<i>-i</i> <i>-in</i>
	2. <i>-aste</i> <i>-aste</i> , <i>-ache(s)</i>	<i>-este</i> [-iste] <i>-este</i> , <i>-eche(s)</i>	<i>-iste</i> <i>-iste</i> , <i>-iche(s)</i>
	3. <i>-ou</i> [-ó]	<i>-eu</i> [-ió] <i>-eu</i> , <i>-ío</i> , <i>-íu</i>	<i>-iu</i> <i>-iu</i> , <i>-eu</i>
Plur.	1. <i>-amos</i>	<i>-emos</i> [-imos] <i>-imos</i>	<i>-imos</i>
	2. <i>-astes</i> [-asteis] <i>-astes</i> , <i>-ástedes</i> <i>-áchedes</i>	<i>-estes</i> , [-isteis] <i>-estes</i> , <i>-éstedes</i> , <i>-échedes</i>	<i>-istes</i> [-isteis] <i>-istes</i> , <i>-ístedes</i> , <i>-íchedes</i>
	3. <i>-aram</i> [-aron] <i>-aron</i> , <i>-ano</i>	<i>-eram</i> , [-ieron] <i>-eron</i> , <i>-eno</i>	<i>-iram</i> <i>-iron</i> , <i>-ino</i>

44. Em *espanhol*, a flexão dos verbos em *-er* coincide com a dos verbos em *-ir*: *debí*, *-iste*, *-ió*, *imos*, *-isteis*, *-ieron*, distinguindo-se conseqüentemente naquele idioma apenas duas classes de pretéritos fracos. Existem contudo no NW da Península vestígios da flexão primitiva, de tipo português: leon. ant. *metéo*, ast. mod. *metéu*, *rompego* «rompeu», (cf. M. Pidal, *Manual*, § 119), que confirmam o arcaísmo da conjugação respectiva portuguesa. Por influência da 1ª pessoa, criou-se em antigo castelhano a forma *cantemos* por *cantamos*, e em Leão, além de aquela, *cantestes* e *cantesteis*, formas que se ouvem igualmente nas regiões fronteiriças de Trás-os-Montes. Na 3ª pessoa plur. aparece esporadicamente um *o*: leon. *guiron*, *fziron*, *pediron*, salmant. *echoren*, *mudoren*, que se encontra também em falares raianos do N. de Portugal, p. ex. em *Guadramil*³⁵. As desinências *-ásteis*, *-ésteis*, *-ísteis*³⁶, com *i*, e conformes com o castelhano, ouvem-se também em Portugal. Denotam a influência do imperfeito e do mais-que-perfeito: *cantáveis*, *cantásseis*.

45. Na *Galiza*, desenvolveu-se grande variedade de formas. Na 2ª e 3ª classe, o *i* final transformou-se espontaneamente numa nasal: *batin*, *partin*, o que, aliás, se dá igualmente nalguns

falares do S. de Portugal: *ouvĩ* (Cf. *Esquisse*, 132). Outra particularidade do galego (que vem de longe e se acha também na raia portuguesa, p. ex. em São Gregório) é a palatização, na 2.^a do sing., do *-st-* sob a acção do *-ĩ* final latino: *-ache*, *-eche*, *-iche*. No plural, *-ástedes*, *-áchedes* concorrem com *-astes*, e, na 3.^a pessoa, *-ano*, *-eno*, *-ino*, com *-aron*, *-eron*, *-iron*.

46. No *mirandês*, existem, como no espanhol, apenas dois tipos de flexão: os verbos em *-ar* fazem *-ei*, *-este*, *-öu*, *-emos*, *-estes*, *-órũ*; os em *-er* e *-ir* oferecem a flexão *-í*, *-iste*, *ú*, *-imos*, *-istes*, *-írũ* (Cf. Leite de Vasconcelos, *Philologia mirandesa*, I, 388). Vê-se que, por analogia com a 1.^a pessoa *-ei* as desinências *-aste*, *-amos*, *-astes* foram trocadas por *-este*, *-emos*, *-estes*, facto que inutilizou as formas homófonas dos verbos em *-er*, que se foram incorporar nos verbos em *-ir*: *debiste*, *debimos*, *debistes*. Sobre a desinência *-ôrũ*, na 3.^a plur. dos verbos em *-ar*, que ocorre também em aragonês, leonês e asturiano, veja-se o § 44.

2. Pretérito «forte»

47. Dos *perfeitos fortes* latinos salvou-se, em português, um número relativamente importante de verbos que, segundo o tipo primitivo em que assentam, podem agrupar-se em três classes, ou seja, pretéritos que reflectem: 1.^o um perfeito em *-I* (sem desinência temporal: VID-I); 2.^o em *-SI* (perfeito «sigmático»: AR-SI); 3.^o em *-UI* (HAB-UI). Na verdade, estas três classes não se apresentam hoje com aspecto homogéneo, porque a evolução fonética individual de cada verbo veio afastá-lo em grau maior ou menor, do protótipo latino respectivo. No ponto de vista moderno, a classificação dos pretéritos fortes pode obedecer a outros critérios, p. ex.: 1.^o pret. monossilábicos e pret. dissilábicos: *fiz*, *vi* — *disse*; 2.^o pret. que terminam em vogal, e pret. que terminam em consoante: *vi*, *disse* — *fiz*; 3.^o pret. que na 1.^a e 3.^a pessoa oferecem idêntica, e pret. que oferecem diferente vogal radical, *disse*, *disse* — *fiz*, *fêz*.

a) Perfeitos em \bar{I} ³⁷

48. 1. FĒCI: sing. 1. *fiz* [*fezi*, *fizi*, *fize*; *figi*, *fige*, *fix(i)*, *fiç*]; 2. *fizeste* (*fizesti*, *fizeste*, *figeste*); 3. *fêz* (*feze*, *fez*, *fex*, *fezo*); plur. 1. *fizemos* (*fezemos*); 2. *fizestes* (*fezestes*); 3. *fizeram* (*fezeron*). O *i* da 1.^a sing. estendeu-se modernamente à 2.^a sing. e às pessoas do plur., por o *e* átono destas formas ter praticamente evolucionado para *i*. A 3.^a sing. ant. *feze*, com *e* final eufónico, ocorre em casos como *feze-se*, *feze-os*, etc.³⁸. Na Beira, acontece inverter-se o papel de *fiz* e *fêz*, troca de que há também vestígios em textos antigos (Cf. *Graal*, 32b, *feze* «*fiz*»).

2. VĒNI: sing. 1. *vim* (*vēi*, *vīi*, *viim*, *vin*); 2. *vieste* (*vēeste*); 3. *veio* (*vēo*, *veo*); plur. 1. *viemos* (*vēemos*); 2. *viestes* (*vēestes*), 3. *vieram* (*vēerom*). Na Beira ouve-se *binhe*, por *vim*, e na província de Entre-Douro-e-Minho conservou-se a antiga pronúncia *vêo* (na Beira *vêo*), por *veio* (Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, 141). Esta forma em *o* é, aliás, a única do tipo espanhol *quiso*, *fezo*, etc., que se salvou em português.

3. VĪDI: sing. 1. *vi* (*vīi*). A forma arcaica da 1.^a pessoa é a única que se pode considerar forte. Devido à coincidência da vogal radical com a da desinência, na 1.^a e 2.^a sing. e 1.^a e 3.^a plur., o verbo passou a conjugar-se como um verbo fraco da III classe, e como se o *v* constituísse o radical: *viste*, *viu*, etc.

4. DĒDI: sing. 1. *dei*; 2. *deste*, 3. *deu* (*dou*); – plur. 1. *demos*, etc. A 3.^a *deu*, que não pode representar DEDIT, é, segundo parece, analógica da II conjugação fraca; a antiga (e galega) *dou* seguiu o modelo dos verbos fracos em *-ar*³⁹. Também em espanhol *dió*, fraco, opõe-se a *di*, *diste*.

5. STĒTI: sing. 3. *estede*; plur. 3. *estederom*. Estas duas formas arcaicas são as únicas que reflectem a conjugação latina primitiva do verbo *estar*. As modernas, *estive*, *estiveste*, etc., sofreram a influência de *tive*, *tiveste*, cf. § 51, 6. Em castelhano a antiga flexão *estide*, *estidiste*, também cedeu o lugar a *estuve*, *estuviste*, etc., conjugação analógica de *hube*, *hubiste*, pretérito de *haber*. O galego conservou até hoje a 3.^a sing. *estide*, usada a par de *estive* e *estivo*.

6. FUI: sing. 1. *fui* (*foi*); 2. *fóste* (*fusti, fuste*); 3. *foi* (*fui*); plur. 1. *fomos*; 2. *fôstes*; 3. *foram* (*forom*). Tirando a 3.^a sing., estas formas correspondem fielmente às vulgares latinas contraídas *FŪI, *FŪSTI, *FŪT, *FŪMUS, *FŪSTIS, *FŪRUNT, admitidas por Meyer-Lübke (*Gramática*, § 297) e que se explicam pelo uso frequente deste verbo em posição átona. Como sucede nalguns textos antigos, certas falas do Norte e do centro de Portugal usam *foi* por *fui*, e vice-versa, não devendo a primeira destas formas atribuir-se, segundo sugere Nunes, 326, à pronúncia clássica FŪI (substituída pelo vulgar FŪĪ, com *u* longo, exigido pela quase totalidade dos idiomas românicos), visto que a confusão entre a 1.^a e 3.^a sing. ocorre também, segundo vimos, no verbo *fazer*. O castelhano deslocou o acento da pronúncia antiga *fūi* para o *i*: *fuí*, fenómeno que arrastou o verbo para a conjugação fraca: *fuíste, fuimos, fuisteis, fueron*, conservando-se da flexão primitiva apenas a 3.^a sing. *fué* (< **fóe*). Nas Astúrias manteve-se, contudo, a 3.^a *foi*, ao passo que em falares do Norte se criou, por analogia com *fué*, uma 1.^a plur. *fuemos*. Quanto ao galego, oferece, no sing. 1. *fun* (com nasalização que se observa também na Estremadura ocidental; cf. *Esquisse*, 140); 2. *fuste* [*foste, foche, fuche(s)*]; 3. *foi* (*fon*); no plur. 1. *fumos* (*fomos*); 2. *fostes* (*fustes, fostedes, fochedes, fuchedes*); 3. *foron* (*fono*).

49. Os verbos *ver*, *ler* e *rir* formam um pretérito de tipo particular, pseudofraco, como lhe chama Williams, 197, mas que parece antes merecer a designação de pseudoforte. Com efeito, *vi*, *li* e *ri*, devido à circunstância de a vogal radical ter coincidido foneticamente com a da desinência, conjugam-se como se o radical fosse constituído apenas pela consoante inicial. É evidente que, em princípio, nada obsta a que expliquemos *vi* e *ri* como vindos directamente das formas fortes latinas VĪDI e *RĪDI (por RĪSI), mas não podemos acompanhar Williams quando pretende explicar as 3.^{as} do plur. *viram, leram e riram*, porf VĪDĒRUNT, LĒGĒRUNT e *RĪDĒRUNT, com acentuação proparoxítone (na vogal radical), não legitimada por nenhum outro pretérito forte português. Por isso, talvez seja melhor considerar a flexão dos referidos verbos como refeita sobre o radical do infinito, segundo a conjugação fraca (do ant. *leer* ter-se-ia formado *leí*; do ant. *riir*: *rii, ri*), explicação de certo modo confirmada pelo esp. *leí* e *reí*, de *leer* e *reir* (com dissimilação do primeiro *i*). A única forma que, com alguma probabilidade, assenta numa forma forte latina é, segundo apontámos no parágrafo anterior, a 1.^a sing. de *ver*: *vi* < VĪDI, esp. *vi*, embora também neste caso se possa pensar numa evolução **vei, vii, vi*.

b) Perfeitos em -SI (-XI)

50. O *perfeito sigmático* latino não teve, na Península Ibérica, a fortuna que lhe foi destinada nos outros países românicos, que aumentaram extraordinariamente o número primitivo de pretéritos daquele tipo (Cf. Meyer-Lübke, *Gramática*, § 286). O português oferece apenas os exemplos seguintes:

1. DĪXI: sing. 1. *Disse*⁴⁰ (*dixi, digi, dixi, dix*); 2. *disseste*; 3. *disse* (*dix, disso, dixo*); plur. 1. *dissemos*; 2. *dissestes* (*dixestes*); 3. *disseram*.

2. TRAXI. De todos os pretéritos fortes portugueses, nenhum há que tantas dificuldades ofereça como o do verbo *trazer*. A existência de um fut. do conj. *treixer* (a que se refere Nunes, 347, nota) faz supor que houvesse um pretérito **treixe*, correspondente ao ant. esp. *trexe*, que representaria a evolução normal de TRAXI (cf. AXIS > *eixe, eixo*, esp. *eje*). Sobre *trouxe*, veja-se o parágrafo que se segue.

3. DŪXI. Do antigo verbo *aduzer* conhecem-se as formas: sing. 3. *adusse, adusso, aduxo*; plur. 3. *adusserom, aduxerom*.

4. *POSI (por PŌSUI); forma documentada através da 3.^a POSIT, CIL, II, 1189 (cf. também Grandgent, § 429): sing. 1. *pus* (*posi, pusi, pugi, puge, pux*); 2. *puseste* (*poseste*); 3. *pôs* (*pose, poso*); plur. 1. *pusemos* (*posemos*); 2. *pusestes* (*posestes*); 3. *puseram* (*poserom*). O *u* moderno das formas fracas é analógico da 1.^a do sing.⁴¹.

5. *QUAESI (pelo fraco QUAESĪVĪ): sing. 1. *quis* (*quigi, quige, quix*); 2. *quiseste* (*quesiste, quisiste*); 3. *quis* (*quise, quiso*); plur. 1. *quisemos*, etc. O *i* da 1.^a sing. propagou-se às restantes pessoas, como sucede com o *u* de *pus*.

6. MA(N)SI. O antigo verbo *māer, maer*, que desapareceu do léxico português, eliminado por *ficar*, deixou em textos arcaicos as seguintes formas fortes: sing. 1. *masi, maji*; 3. *mas*; plur. 2. *masestes*, 3. *maserom*.

7. *PRĒ(N)SI (> *PREHENSI, por PREHENDI). Da primitiva conjugação forte de *prender*, conhecemos os fragmentos antigos: sing. 1. *pris, prix, pres*; 3. *pres, preso*; plur. 3. *preserom*.

8. *ERSI (por EREXI; cf. Meyer-Lübke, *Introdução* § 193). A par da flexão fraca, *ergí*, encontra-se em textos antigos (p. ex. CV) o pretérito forte 1. *érsi, érgi*, do infinitivo *erger*.

9. ARSI. Do verbo *arder* o português antigo formava um pretérito forte sing. 1. *arsí*; 2. *arseste*; 3. *arse*, etc.; cf. Nunes, 336.

c) Perfeitos em -UĪ

51. Na evolução fonética do grupo de verbos que se segue, notam-se dois aspectos principais. Sendo a vogal radical um *a*, esta atrai a semivogal *u*, dando origem ao ditongo *ou*. Nos outros casos, a dita semivogal consonantiza-se, adoptando o valor de *v*, ao passo que o *i* final afecta metafonicamente a vogal radical, passando *e* para *i*, e *o* para *u*.

1. HABUI: sing. 1. *houve* (*ouvi, ouve*); 2. *houveste*; 3. *houve* (*ouvo*); plur. 1. *houvemos*, etc.

2. SAPUI: sing. 1. *soube* (*soubi*); 3. *soube* (*soubo*), etc.

3. *TRACUI, *TRAXUI. Ao lado da forma regular TRAXI, a que nos referimos no parágrafo anterior, usou-se também *TRACUI, representado pelo ant. e pop. *trougue, trougeste*, etc. (cf. ant. esp. *trogo*) que, sob a acção de *houve*, passou a pronunciar-se *trouve, trouveste*, etc. As formas que se impuseram modernamente: *trouxe, trouxeste*, etc. (com *x = ss*), resultam provavelmente da fusão de *traxi* com **tracui*, que deu origem a *TRAXUI, *TRAUXI, base exigida também pelo ant. esp. *trouxe* (cf. Cornu, § 116; Nunes, 347; Pidal, 318).

4. PLACUI: sing. 1. *prouve* (*prougue*); 2. *prouveste* (*prougeste*); 3. *prouve* (*prougue, prougo*), etc.

5. IACUI. O verbo *jazer*, que hoje oferece um pretérito fraco: *jazi*, conjugava-se antigamente: sing. 1. *jouve* (*jougue*); 2. *jouveste* (*jougeste*).

6. VALUI. A avaliar pelos tempos derivados do tema do perf., *valver, valvera* e *valvesse*, o português conheceu um pretérito forte **válvi*, **valveste*, **valve*, etc., com consonantização da semivogal *u*, como em **dolvi*; cf. abaixo.

7. TENUI: sing. 1. *tive* (*tivi*); 2. *tiveste* (*teveste*); 3. *teve*, etc. Contrariamente ao que supõe Huber, § 404, o *v* não se deve explicar como analógico de *sive, seve*, mas como reflexo regular do *u* de TENUI, forma que deve ter evoluído para **tenvi*, assimilando-se depois o *n* ao *v*⁴². O esp. *tuve*, ant. *tove*, moldou-se certamente sobre *hube*, ant. *ove* < HABUI. *Tive* atraiu *estive*; cf. parágrafo anterior.

8. *SEDUI (por SĒDI). Além de *fui*, o verbo *se(e)r* dispunha antigamente do pretérito sing. 1. *sive, sévi*; 2. *seveste*, 3. *seve*; plur. 3. *severom*.

9. *CREDUI (por CREDIDI; cf. Meyer-Lübke, *Introdução* § 191). O verbo *cre(e)r* conjugava-se antigamente: sing. 1. *crive, crévi*; 2. *creveste*; 3. *creve*; plur. 1. *crevemos*, etc. A flexão moderna *cri* (< *creî*), *creste, creu*, etc., segue o modelo da 2.^a conjugação.

10. PŌTUI: sing. 1. *pude* (*pudi, puide, poide*); 2. *pudeste* (*podeste*); 3. *pôde* (*pude, podó*); plur. 1. *pudemos* (*podemos*), etc.

11. DOLUI. O único vestígio de uma antiga flexão forte de *doer* é a 3.^a plur. *dolverom* (*Cant. S.^{ta} Maria*); cf. acima *valverom*, de *valer*.

CAPÍTULO IV: Tempos afins do perfeito

52. Ao passo que, no *mais-que-perfeito* do indicativo, o espanhol distingue apenas entre duas terminações, *-ara*, para a 1.^a, e *-iera* para a 2.^a e 3.^a conjugação, o português dispõe de nada menos de quatro desinências distintas: *-ara*, *-era*, *-ira* para as três conjugações fracas, e *-era* para os *mais-que-perfeitos* tirados de perfeitos fortes: *fiz-era* em oposição a *dev-era*, onde o espanhol usa também *-iera*. A flexão apresenta, no ponto de vista histórico, o aspecto seguinte:

-ĀRAM	<i>-ara</i>	-ĔRAM,	<i>-era, -era</i>	-Ī(E)RAM	<i>-ira</i>
-ĀRAS	<i>-aras</i>	-ĔRAS,	<i>-eras</i>	-Ī(E)RAS	<i>-iras</i>
-ĀRAT	<i>-ara</i>	-ĔRAT,	<i>-era</i>	-Ī(E)RAT	<i>-ira</i>
-ĀRĀMUS	<i>-áramos</i>	-ĔRĀMUS	<i>-êramos</i>	-Ī(E)RĀMUS	<i>-íramos</i>
-ĀRĀTIS	<i>-áreis</i>	-ĔRĀTIS	<i>-êreis</i>	-Ī(E)RĀTIS	<i>-íreis</i>
	<i>-árades</i>		<i>-erades</i>		<i>-irades</i>
-ĀRANT	<i>-aram</i>	-ĔRANT	<i>-eram</i>	-Ī(E)RANT	<i>-iram</i>

No paradigma, notar-se-á o recuo característico do acento na 1.^a e 2.^a do plural, que já encontramos no imperfeito (Cf. §§ 37 e 39). Fiel à sua tese sobre a origem dos pretéritos fracos em *-ei*, Williams, 199, explica o *mais-que-perfeito* da 2.^a classe, em *-era*, como derivando do tipo reduplicado *-DEDERAT* < *-DĪDERAM*, originariamente privativo dos verbos compostos de *DARE*, *DEDĪ*, a que fizemos referência no § 42. A mais grave objecção que se pode opor a tal modo de ver é que precisamente o verbo *dar*, a que se atribui o papel de chefe de fila, não faz o *mais-que-perfeito* *dēra*, mas *dēra*, com vogal aberta. Talvez estejamos mais próximos da verdade ao admitirmos que os verbos da 2.^a conjugação oferecem actualmente *-era*, em contradição com o lat. *-ĔRAM*, porque a língua estabeleceu uma relação directa entre o *mais-que-perfeito* e o infinito: *cantar-a*, *dormir-a*, e daí *dever-a* (em vez de **dev-era*).

53. O *futuro do conjuntivo* português corresponde formalmente ao futuro do perfeito latino («*futurum exactum*»), menos na 1.^a pessoa do indicativo, onde por *-ARO*, desinência conservada em espanhol até aos fins do séc. XV, está *-ar*. Tal troca pode ter causas internas (p. ex. a identidade da 1.^a e da 3.^a sing. no imperfeito do conj. e no infinito pessoal), mas pode também ser devida a intervenção do conjuntivo do perfeito, em *-ARĪM*, modo que, formal e sintacticamente, está intimamente relacionado com o futuro exacto, visto só diferir dele nesta 1.^a pessoa e empregar-se com valor de «*pontentialis*». Nos documentos latinos mais antigos do território português, aparece, com efeito, em textos menos cuidados, a desinência *-are* a rivalizar com *-aro*⁴³. O uso do futuro exacto em orações condicionais, quer dizer, com valor de conjuntivo, uso que já se observa em Plauto, tornou-se geral no latim vulgar (Cf. Gamillscheg, *Tempuslehre*, 20). Num período como este, tirado de Petrónio: *MERO MERIDIE, SI DIXERIT ILLI TENEBRAS ESSE, CREDIT*, a expressão *SI DIXERIT* corresponde exactamente ao português *se disser*. A filiação das desinências vem indicada no quadro seguinte:

	I		II		III
-ĀRO	<i>-ar</i>	-ĔRO	<i>-er</i>	-Ī(E)RO	<i>-ir</i>
-ĀRIS	<i>-ares</i>	-ĔRIS	<i>-eres</i>	-Ī(E)RIS	<i>-ires</i>
-ĀRIT	<i>-ar</i>	-ĔRIT	<i>-er</i>	-Ī(E)RIT	<i>-ir</i>

-ĀRĪMUS

-armos

-ĒRĪMUS

-ermos

-Ī(E)RĪMUS

-irmos

-ĀRĪTIS	-ardes	-ĔRĪTIS	-erdes	-Ī(E)RĪTIS	-irdes
-ĀRINT	-arem	-ĔRINT	-erem	-Ī(E)RINT	-irem

Como no caso do mais-que-perfeito, e devido à mesma razão, *-er* caracteriza os verbos fracos, e *-er* os fortes. A acentuação * DEBUĒRO por DEBŪERO, postulada pelas formas hispânicas, será devida à analogia com os verbos em *-ar* e *-ir*.

54. O *mais-que-perfeito* do conjuntivo latino substituiu-se em português, segundo vimos no § 39, inteiramente ao imperfeito do conjuntivo, tornando-se a única forma de conjuntivo do pretérito. Seja-nos permitido acrescentar aqui que este facto, produzido anteriormente aos primeiros monumentos da língua portuguesa, se liga com a decadência ou, melhor, com a especialização progressiva do imperf. do conj. latino, que passou a empregar-se independentemente como «potentialis» do presente (Cf. Gamillscheg, *Tempuslehre*, pp. 34ss.)

55. No ponto de vista morfológico, o *futuro* dá pouco motivo a comentários. É sabido que o futuro orgânico latino, em *-AM* e *-BO*, foi totalmente substituído por uma expressão perifrástica formada pelo infinito mais o presente de *haver*: CANTARE HABEO = CANTABO⁴⁴. Deste futuro analítico nasceu em português, como nas outras línguas românicas, um novo futuro sintético, em que o verbo auxiliar é reduzido ao papel de mera desinência: *-ei* (esp. *-é*), *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis* (ant. *-edes*), *-ão* (ant. e esp. *-án*), sofrendo na 1.^a e 2.^a do plural a amputação do radical. A língua nunca perdeu, porém, a consciência do carácter composto do futuro, tendo a faculdade de dissociar por um pronome os dois elementos formativos: *chamá-lo-ei*, *dir-se-á*, faculdade que o espanhol moderno já não possui. Mais ainda: criou um novo futuro perifrástico, *hei-de cantar* (ou *hei cantar*)⁴⁵, sensivelmente igual àquele que deu origem a *cantarei*, e que rivaliza seriamente com esta última forma⁴⁶. O aspecto fonético de determinadas formas antigas, em que se operaram transformações do radical, revelam que o futuro em português se encontrava em vias de concretização tão completa como a do francês de hoje. Refiro-me a *salrei*, «saírei», *valrei*, «valerei», *falrei*, «falirei», *querrei*, «quererei», *ferrei*, «ferirei», *guarrei* de *guarir* (com supressão da vogal temática), *porrei*, «porei», *marrei*, «ficarei» (de *māer*), *verrei*, «virei» (também com emudecimento da vogal do tema, e assimilação do *n* ao *r*), *jarei*, «jazerei», e *trarei* (com transformação de *zr* para *r*). Todas estas formas, com excepção da última, foram abandonadas, em benefício de novos futuros regulados pelo infinito. O caso de *direi* e *farei* (e talvez *trarei*) é um pouco diferente, por o latim já possuir, segundo parece, os infinitivos de forma divergente DĪRE e FARE; cf. § 6.

56. Irmão gémeo do futuro, o *condicional*, que exprime a ideia do futuro no passado (daí a designação de «futuro do pretérito»), é também uma criação do latim vulgar⁴⁷. Na língua falada, e até na escrita, tem hoje uma vida bastante precária⁴⁸, tendo de lutar contra o imperfeito do indicativo que tenta, com êxito, usurpar-lhe o lugar: *se não te importasses, eu ia para casa*, em vez de *iria*. De harmonia com o futuro, o condicional é formado por meio do imperfeito do verbo *haver*, que perde, na sua nova função, o radical: *cantar-ia*, *ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*. Está dentro da lógica que a língua disponha também do processo analítico: *havia de cantar* e, antigamente pelo menos, *havia cantar*⁴⁹, réplica perfeita de HABEBAM CANTARE.

57. Apontemos que os monumentos mais antigos do português conhecem um autêntico *participio do futuro*, com significação activa e passiva, e que termina em *-doiro*. Bastam dois exemplos característicos, escolhidos entre os muitos que ocorrem na versão mais antiga da *Regra de São Bento* (cf. § 16): ... *vida celestial aa qual é acendedoiro per homildade*, passo que na versão dos princípios do séc. XV corresponde a ... *gloria celestial, aa qual perla humildade e abaixamêto desta vida presente podemos sobir*⁵⁰; e *Ergo porẽ cavidadoyro é o mao desejo*, passo onde a redacção mais recente diz: *Pois por esto muito nos devemos cavidar e guardar do maaõ desejo*⁵¹. É

evidente que nos dois casos as formas em *-doiro* correspondem funcionalmente ao lat. -TURUS, embora formalmente assentem em -TORIUS, sufixo que a princípio constituía adjetivos⁵², cf. *casadoiro*, *temedoiro*, ant. *pagadoiro*, «agradável». Alguns conservaram até hoje a noção fatalista e inelutável inerente ao participípio do futuro latino: *morredoiro*, *compridoiro*, *vindoiro*, o que faz supor que as formas antigas, citadas acima, pertenceram efectivamente à língua falada, não constituindo *-doiro* apenas um instrumento cómodo forjado pelos tradutores medievais para reproduzirem o participípio em -URUS.

CAPÍTULO VI: Infinitivo pessoal

58. O *infinitivo conjugado*, esta original e feliz criação do português⁵³ que tanto contribui para se evitarem ambiguidades de expressão, apresenta desinências que condizem com o imperfeito do conjuntivo latino:

-AREM	-ar	-ĒREM	-er	-ĪREM	-ir
-ARES	-ares	-ĒRES	-eres	-ĪRES	-ires
-ARET	-ar	-ĒRET	-er	-ĪRET	-ir
-ARĒMUS	-armos	-ĒRĒMUS	-ermos	-ĪRĒMUS	-irmos
-ARĒTIS	-ardes	-ĒRĒTIS	-erdes	-ĪRĒTIS	-irdes
-ARENT	-arem	-ĒRENT	-erem	-ĪRENT	-irem

A retracção do acento, que necessariamente se há-de admitir na 1.^a e 2.^a plur. (-ARĒMUS > -ÁREMUS, -ARĒTIS > -ÁRETIS, etc.), é um fenómeno corrente do sistema verbal hispânico, a que já aludimos repetidas vezes. Depois das sólidas investigações de E. Gamillscheg⁵⁴ e José Maria Rodrigues⁵⁵ (cujos resultados, obtidos independentemente um do outro, foram sancionados por Carolina Michaëlis⁵⁶, que a princípio defendera uma teoria de criação espontânea), sabemos que foi, entre outras circunstâncias, o uso do imperfeito do conjuntivo em orações subordinadas sem auxílio de conjugações (tipo PLACUIT [UT] FACEREM) que contribuiu decisivamente para a génese do infinito pessoal⁵⁷. Por outro lado, a coincidência formal de *FACĒRE com FACĒREM e FACĒRET (devida ao emudecimento do -M e -T finais), fez com que, em construções do tipo PLACUIT MIHI FACERE, frequentes nos mais antigos documentos latino-portugueses, se interpretasse o infinito como dizendo respeito a uma determinada pessoa. Foi isto o suficiente para sugerir *fazeres*, *fazermos*, etc., quer dizer, uma flexão pessoal do infinito⁵⁸.

CAPÍTULO VII: Participípio do passado

59. Como no pretérito do perfeito, havemos de distinguir no participípio do passado um *tipo fraco* e outro forte. O primeiro é actualmente caracterizado por *-ado*, para os verbos em *-ar*, e *-ido* para os verbos em *-er* e *-ir*. Primitivamente, os verbos em *-er* formavam o participípio em *-udo* < -ŪTUS⁵⁹, desinência que tem o seu ponto de partida nos verbos em -UO(-VO): STATUO/STATUTUS, BATTUO/BATTUTUS, SOLVO/SOLUTUS, etc., e que no latim vulgar se alargou a quase todos os verbos que faziam o perfeito em -UI. (Cf. M.-Lübke, *Introdução* § 195, e Grandgent § 438). O progressivo desaparecimento de *-udo*⁶⁰ em proveito de *-ido* deve-se, segundo creio, ao facto de a maioria dos verbos caracterizados antigamente por aquela desinência terem um pretérito em *-i*, vogal que penetrou analogicamente no participípio. Em Fernão Lopes, já alternam *avudo* com *avido*, *metudo* com *metido*, *sabudo* com *sabido*, etc. Um dos últimos exemplos conhecidos de *-udo*, *creçudo*, ocorre em Gil Vicente⁶¹. O substantivo *conteúdo* e o apelido *Temudo* constituem relíquias desse participípio desaparecido, que continua a viver no francês e italiano (cf. *venu/venuto*, *perdu/perduto*) e que em espanhol morreu ainda mais cedo que em português⁶².

60. Entre os *participios fortes* do português domina o tipo em -T: *coberto* < COOPERTUM, *aberto* < APERTUM, *escrito* < SCRĪPTUM, *morto* < MORTU(U)M, *dito* < *DĪCTUM, *posto* < PŌS(Ī)TUM, *visto* < *VĪSTUM, *roto* < RŪPTUM, *tinto* < TINCTUM e, a seguir a vogal, *nado* < NATUM, *ido* < ĪTUM. O tipo em -S (próprio, em latim, dos verbos com radical em D ou T) é mais raro: *preso* < PRE(HE)NSUM, *inceso* < INCENSUM, *impresso* < IMPRESSUM. Como sucede com o pretérito do perf., a língua tende a substituir as formas fortes por fracas: ao ant. *cinto* corresponde hoje *cingido*, e estão no mesmo caso *defeso/defendido*, *assolto/absolvido*, *nado/nascido*, *despeso/despendido*, *repeso*⁶³/*arrependido*. Modernamente, hesita-se entre *impresso* e *imprimido*, *enxuto* e *enxugado*, *extinto* e *extinguido*, etc. Há dois casos em que a evolução fonética deu a um participio primitivamente fraco aspecto de forte: *findo* < *fūdo* < FINĪTUM, e *vindo* > *vēdo* < *VENĪTUM. Existia na língua antiga também um part. em -STUS: *comesto* < COMESTUS, «comido», que deu origem, na fala popular, à forma analógica *bebesto*, «bebido»⁶⁴. Outro tipo que merece ser apontado é o em -eito: ant. *colheito* «colhido» < COLLECTUM (*encolheito*, *recolheito*), *beeito*, «bento» < BENEDĪCTUM, *ereito* < ERECTUM, *eleito* < ELECTUM, que serviram de modelo a *tolheito* «tolhido», *cozeito* «cozido» e *coseito*, «cosido». Com outra vogal latina, havia, além do mod. *feito* < FACTUM, *treito* < TRACTUM (e *contreito*, *maltreito*), *estreiro* < STRĪCTUM, *enxuito* < EXSŪCTUM, *duito* < DŪCTUM. Em *DĪCTUM por DĪCTUM⁶⁵, e *VĪSTUM por VĪSTUM revela-se a influência de DĪCO, DĪXI e VĪDI. Um número considerável de antigos participios fortes sobrevive como adjectivos: *estreiro*, *farto*, *tinto*, *teso*, *raso*, ou substantivos: *jeito* < IACTUM, *chouso* < CLAUSUM, *cinto*, *despesa*, *devesa*, *conquista*, *colheita*, etc.

61. Alguns verbos em -ar formam o participio sem recorrerem a um sufixo, mas acrescentando apenas -o (fem. -a) ao tema verbal: *pago*, *limpo*, *corto*, *ganho*, *gasto*, *falto*, *descalço*, *aceito*, *salvo*, *isento* e outros. O seu modelo está nalguns verbos latinos derivados⁶⁶, que lançaram mão do participio forte próprio do verbo simples correspondente, como p. ex. ACCEPTARE, que recorre ao participio de ACCIPĒRE: ACCEPTUS (em vez de ACCEPTATUS), e AUSARE, que o vai buscar a AUDĒRE: AUSUS (por AUSATUS). Nem todos os exemplos portugueses apontados são de formação antiga: *gasto*, p. ex., é um adjectivo que só a partir do séc. XVIII se substituiu a *gastado* na função de participio. Também *aceito*, que rivaliza com *aceitado*, era primitivamente um adjectivo que significa «agradável»⁶⁷. Os participios truncados⁶⁸ têm ainda uma variante em -e (invariável): *assente*, *entregue*, *aceite*, *encarregue*, *fixe*, em que se deve ver, com Leite de Vasconcelos, *RL*, IV, 133, a influência de adjectivos em -e, que, como *firme* e *livre*, podem assumir funções de participio. A significação activa que o participio pode adoptar em alguns verbos: *calado*, *jantado*, *viajado*, *lido*, etc., tem precedentes em latim (cf. HOMO POTUS, «bêbado»), e explica-se pelo facto de o participio perfeito passivo derivar do adjectivo verbal em -to. Uma forma como TACITUS significava a princípio «aquele que tem as características de quem se cala»⁶⁹.

BIBLIOGRAFIA

- F. ADOLPHO COELHO – *Theoria da conjugação em latim e portuguez (Estudo de grammatica comparativa)*. Lisboa 1870.
- W. MEYER-LŪBKE – *Grammaire des langues romanes* (trad. do alemão), tomo II (Morfologia). Paris 1895.
- E. GAMILLSCHEG – *Studien zur Vorgeschichte einer romanischen Tempuslehre*. Viena 1913.
- P. FOUCHÉ – *Le présent dans la conjugaison castillane*. In: *Annales de l'Université de Grenoble*, tomo XXXIV (1923), 329-366.
- Le parfait en castillan*. In: *Études de philologie hispanique, Revue Hispanique*, tomo LXXVII (1929), 45-88.
- F. KRÜGER – *Mezcla de dialectos*. In: *Homenaje a Menéndez Pidal*, tomo II, (1925), 144-155.

- A. G. RIBEIRO DE VASCONCÉLLOZ – *Grammática histórica da língua portuguesa*. Paris-Lisboa 1900.
- J. CORNU – *Grammatik der portugiesischen Sprache*, 2.^a ed. Estrasburgo 1906. (Sep. do vol. I do *Grundriss* de Gröber, 916-1037).
- J. J. NUNES – *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 2.^a ed. Lisboa 1930.
- J. HUBER – *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg 1933.
- E.B.WILLIAMS – *From latin to portuguese. (Historical phonology and morphology of the portuguese language)*. Filadélfia, 1938.
- R. MENÉNDEZ PIDAL – *Manual de gramática histórica española*, 6.^a ed. Madrid 1941.
- V. GARCÍA DE DIEGO – *Elementos de gramática histórica gallega*. Burgos 1909.
- W. MEYER-LÜBKE – *Historische Grammatik der französischen Sprache*, 1.^a parte, 2.^a e 3.^a ed. Heidelberg 1913.

SUMÁRIO

A. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

O sistema da conjugação latina comparado com o românico (1). Formas que pereceram e formas que nasceram (2). Decadência da passiva (3). As diferentes classes de conjugação (4). Os verbos em *-ar* (5). Os verbos em *-er* (6). Os verbos em *-ir* (7). Tendências gerais a que obedece a evolução das flexões (8). O infinitivo (9). Papel desempenhado pelo acento (10).

B. FORMAS E EVOLUÇÃO DAS FLEXÕES

CAPÍTULO I: Presente

1. *As desinências*. Indicativo (11). Verbos em *-EO* e *-IO* (12). Conjuntivo (13). Imperativo (14). Gerúndio (15). Particípio (16).

2. *O tema*.

a) *Vogal radical*. Timbre da vogal tónica e da átona (17). Alternâncias vocálicas nas formas fortes (18). Quadro sinóptico destas alternâncias (19). Tipo *ē/ĕ* (20). Tipo *o/ō* (20 a). O conjuntivo (20 b). Tipo *i/e* e *u/o* (21). Inflexão vocálica em verbos eruditos (22). A atracção (23). O *i* de transição (24). Alternâncias em espanhol (25);

b) *Consoante radical*. Aspectos da alternância consonântica (26). Palatalização da consoante pelo iode (26 a). Ausência desta palatalização em espanhol (27). Alternância *g/z* e *g/j* (28). Flexão dos incoativos em *-ecer* (29);

c) *Verbos isolados*. Enumeração destes verbos (30). *Ser* (31). *Haver* (32). *Saber* (33). *Dar* e *estar* (34). *Ir* (35). *Poder* (36).

CAPÍTULO II: Imperfeito

Indicativo (37). Verbos com consoante radical *n* (38). Conjuntivo (39).

CAPÍTULO III: Pretérito chamado do perfeito

Pretérito forte e pretérito fraco (40).

1. **Pretérito fraco.** Dos verbos em *-ar* e *-ir* (41). Dos verbos em *-er* (42). Vista de conjunto sobre a flexão fraca (43). Conjugação dos verbos em *-er* em espanhol (44). Particularidades do galego (45) e do mirandês (46).

2. **Pretérito forte.** Classificação (47).

a) *Perfeitos em -Ī.* FĒCI, VĒNI, VĪDI, DĚDI, STĚTI, FŪI (48). Pretérito de *ver*, *ler* e *rir* (49).

b) *Perfeitos em -SI (-XI).* DĪXI, TRAXI, DŪXI, POSI, *QUAESI, MA(N)SI, *PRE(N)SI, *ERSI, ARSI (50).

c) *Perfeitos em -UĪ.* HABUI, SAPUI, *TRACUI (*TRAXUI), PLACUI, JACUI, VALUI, TENUI, *SEDUI, *CREDUI, POTUI, DOLUI (51).

CAPÍTULO IV: Tempos afins do perfeito

Mais-que-perfeito (52). Futuro do conjuntivo (53). Mais-que-perfeito do conjuntivo (54).

CAPÍTULO V: Futuro e condicional

Futuro (55). Condicional (56). Particípio do futuro (57).

CAPÍTULO VI: Infinitivo pessoal

Origem e flexão do infinitivo conjugado (58).

CAPÍTULO VII: Particípio do passado

Particípios fracos (59). Particípios fortes (60). Particípios «truncados» (61).

NOTAS.

¹ Constituem reminiscências do gerundivo os substantivos *moenda*, *fazenda*, *vivenda*, *oferenda*, *lenda*.

² Veja-se MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes*, p. 72, que regista a grafia *facmus* por *facimus* (a. 996) e o topónimo *Belbíbre* 978, hoje *Belbimbre*, que na sua segunda parte reflecte o infinito VIVERE, com pronúncia esdrúxula.

³ Tanto mais que o romeno conservou até hoje a acentuação *víndem*, *vindetĭ*, de que existem também reminiscências nalguns dialectos do SE da França.

⁴ Em Trás-os-Montes perdura *monger*.

⁵ ADOLFO COELHO, *Teoria da Conjugação*, 26 e sgs., coligiu grande número de formas antigas com e sem *d*, chegando à conclusão que «em todos os documentos e monumentos literários portugueses anteriores ao reinado de D. João I, a desinência da segunda pessoa do plural (...) é invariavelmente *-des*, no imperativo *-de*». O mais antigo exemplo conhecido de uma forma sem *d* data de 1410. No *Leal Conselheiro*, compilado à volta de 1437, D. DUARTE emprega exclusivamente, tirando apenas os passos citados da Escritura e dos Padres da Igreja, formas com *d*

sincopado. (Veja-se a este respeito LEITE de VASCONCELOS. *Romanische Forschungen*, XIII, 176). Em FERNÃO LOPES alternam os dois tipos. É evidente que o fenómeno do emudecimento do *d* não se deu simultaneamente em toda a área do português. Já se podia pronunciar *fazeis* numa altura em que ainda se escrevia *fazedes*; por outro lado determinados falares arcaizantes podiam continuar a servir-se desta última forma, depois de a primeira se ter generalizado em textos escritos.

⁶ A «ratio» destes factos foi muito bem vista por ADOLFO COELHO, *Teoria*, pág. 32 e segs.: «A conservação do *d* da desinência pessoal no primeiro caso [o autor refere-se ao conj. do futuro, *amar-des*, assim como às formas *tendes*, *vindes*, *pondes*] resulta de ele se achar protegido contra a síncope pela consoante *r* ou pela vogal nasalizada: os grupos *r + d*, vogal + *n + d* são em português assaz fixos. No segundo caso, é evidente que a permanência do *d* é devido a acharem-se já reduzidas a um pequeno corpo as formas em que se dá, e à tendência para evitar a confusão das formas. Ao lado do princípio destruidor há na linguagem também um princípio conservador; ao lado dos fenómenos mecânicos, que levam em muitos casos à confusão, há nela fenómenos racionais que produzem a distinção... A permanência do *d* nas formas do segundo caso, não se baseando sobre um princípio de carácter tão inviolável como as leis puramente fónicas, não tem nada de necessária; uma forma como *hy* (*Canc. de Resende*, I, 46) por *ide* o comprova». É preciso termos presente que estas palavras foram impressas em 1870 [modernizámos a ortografia], para apreciarmos condignamente a vastidão do horizonte científico do fundador da filologia portuguesa. Não julgamos ser necessário admitir, como faz WILLIAMS, *Romanic Review*, XXI, 143, que a reminiscência do latim tenha ajudado a conservar o *d* nos casos de *credes*, *rides*, etc.

⁷ Sobre a origem de *-iendo*, que não parece basear-se no latim *-IENDUM*, veja-se HANSEN, *Gram. hist. de la lengua castellana*, § 239°.

⁸ Particularidade de que apenas há um paralelo no dialecto reto-românico de Obwald.

⁹ Veja-se J. J. NUNES, *Evolução da língua portuguesa*, exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da Regra de S. Bento e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece, Coimbra 1926.

¹⁰ A mim parece-me, pela linguagem, ser mais antiga, embora evidentemente não remonte, como julgava Fr. FORTUNATO DE SÃO BOAVENTURA, ao séc. XII.

¹¹ Vejam-se, p. ex., os cap. 29, 14 e 40 nos passos correspondentes.

¹² Vejam-se a este respeito as nossas *Considerações sobre a metafonía portuguesa*, publicadas nesta revista [*Biblos*], vol. XVIII, pp. 365-71.

¹³ É certamente escusado lembrar que *ē* e *ī* do latim se fundiram num som intermédio fechado, *e*.

¹⁴ SCHÜRR, *Beiträge zur span.-portugies. Laut und Wortlehre*, 33, admite, sem necessidade, que a semivogal tenha dado origem aos tritongos *iei* e *uoi*, de que procederiam, por assimilação progressiva (cf. ant. fr. *lieit* > mod. *lit*), *i* e *u*.

¹⁵ Esta forma alterna em textos antigos com *quero*, o mesmo sucedendo com *quera* e *queira*. Se admitirmos que as formas com *ei* são analógicas a *feiro*, *feira*, não precisamos de recorrer aos étimos hipotéticos *QUAERIO, *-IAM, por QUAERO, -AM. HUBER, § 85.2, admite a antiga pronúncia *quero*, *fero*, porque estas 1.^{as} pessoas rimam, nas *Cantigas de Santa Maria*, com *espero* < SPĒRO. Quer-nos parecer que tal facto é antes um indício da pronúncia *espero*.

¹⁶ Abstraiamos da alternância que resulta da atracção (§ 19,5): *quepo*, *cabes*.

¹⁷ A flexão portuguesa tem neste pormenor um carácter muito mais arcaico. É evidente que no castelhano pré-literário deve ter existido a conjugação *sirvo*, **serves* e *puero*, **podres*.

¹⁸ FOUCHÉ, *Le présent dans la conj. castillane*, 553, admite, para explicar *pido* e *mido* uma acção do iode sobre a vogal radical, anterior à assibilação de *ti*: METIO > **mito* > *mido*, interpretação à qual se opõe, salvo erro, a história das respectivas formas portuguesas.

¹⁹ Igual caminho seguiu o leonês, que também diz *merzo/merces*.

²⁰ Também em espanhol a forma primitiva *so(n)* foi substituída por *soy* sob a influência de *doy*, *estoy*, *voy*.

²¹ Cf. CAROLINA MICHAËLIS, *Gloss. Cancion. Ajuda*, 87.

²² O português antigo conhecia também a conjugação integral deste verbo, *sejo, sees, see*, etc. O uso peninsular de SEDĒRE por ESSE vislumbra-se já na *Peregrinatio* cf. M. PIDAL, RFE I, 414.

²³ O conjuntivo de tipo clássico sobreviveu apenas no aragon. *sia* e ant. leon. *sia, sie* (M. PIDAL, *Gramática*, 6.^a ed., p. 304).

²⁴ No espanhol antigo há reminiscência da conjugação clássica: *aves, ave, aven*.

²⁵ Cf. PMH, Dipl. 268.^o (1030) e 371.^o (1049).

²⁶ Convém rectificar a opinião de MEYER-LÜBKE (expressa na *Gram. Línguas Rom*, § 232) de que *vai* se podia explicar por *va i* como *hai*, que apontámos no § anterior, por *ha i*. Basta comparar *vai* < VADĪT com *cai* < CADĪT para nos convenceremos que se trata de uma evolução regular.

²⁷ O uso constante da grafia *vão* em textos medievais que escrevem *dam* e *estam*, faz supor que de facto *vão* assenta nessa forma clássica em *-ũnt* (caso isolado na Península) não sendo necessário recorrer à construção *VANT; cf. WILLIAMS, 175.

²⁸ Para *vamos* não é necessário admitirmos, como faz WILLIAMS, 223, a intervenção de *estamos*, explicando-se aquela forma sem dificuldade por VÁ(DĪ)MUS, cf. ant. esp. *femos* < FACĪMUS, a que se faz referência no § 6.

²⁹ As formas entre colchetes correspondem às não literárias.

³⁰ Cf. *Orígenes del Español*, 4. *Lebantai* deve constituir, na referida glosa, um arcaísmo tradicional, porque encontramos já no séc. XI a forma espanhola moderna, *levanté*, com monotongo.

³¹ Veja-se Sommer, *Lat. Laut- und Formenlehre*, 2.^a e 3.^a ed., pág. 577.

³² Não se pode contudo afastar totalmente a hipótese de que, num período pré-literário, o português tenha abandonado *-ieron a favor de -iron.

³³ Esta opinião já foi defendida por E. WAHLGREN, *Études sur les actions analogiques réciproques du parfait et du participe passé dans les langues romanes* (1920), p. 157, e por E. BOURCIEZ, *Éléments*, 3.^a ed., § 202. FOUCHÉ, *Études de philologie hispanique*, p. 54 e segs., trouxe modificações a esta tese, que não nos parecem de molde que a tornem mais convincente.

³⁴ P. ex. *credetti, sedetti, dovetti* etc., a par de *credei, sede, devei*, etc., por analogia a *detti* < *diedi*, por influência de *stetti* < STETUI.

³⁵ Sobre -íoron cf. STAAFF, *Étude sur le dialecte léonais*, 300 sgs. Notei há anos em Guadramil a variante -(i)ónon: *cantónō* «cantaram», *pudiñō* «puderam», *dixiñō* «disseram», *quichiñō* «quiseram», *feziñō* «fizeram», etc. O mirandês só oferece -oron nos verbos em -ar *antrórũ* «entraram» opõe-se a *temírũ* «temeram» e *partírũ* «partiram». Cf. LEITE DE VASCONCELOS, *Estudos de Philologia Mirandesa* I, 384.

³⁶ O ditongo final é, por vezes, nasalado, p. ex. na Beira: *-ásteĩs, -ésteĩs, -ísteiĩs*.

³⁷ Por razões de ordem prática, incluímos aqui DEDI e STETI, os dois únicos perfeitos de tipo replicado que sobreviveram em português.

³⁸ HUBER, § 401, admite escusadamente que se trata de uma analogia com *ouve, prougue e pôde*.

³⁹ NUNES, 325, admite a existência de formas vulgares *DEDUT e *DAUT (<* DAVIT), por DEDIT.

⁴⁰ O composto *maldizer* aparece em D. Dinis com a forma fraca *maldezí*, a par da forte, *maldissé*; NUNES, 338, nota I.

⁴¹ No Alto Alentejo (concelho de Portalegre) o povo conjuga: *pus, pôste, pomos, poram* (cf. J. A. POMBINHO JÚNIOR, *RL*, XXXVII, 212), sob a influência de *foste, fomos*, etc. Esta interferência nota-se também no imperf. do conj., *pôsse, pôsses*, etc., e fut. do conj., *pôr, pores*, etc.

⁴² Cf. J. J. NUNES, 346, nota: «também o pret. *tive* deve ter sido precedido por **têvi* ou *tÿve*, ao lado do qual parece ter existido **teive*, como faz supor o futuro *teiver* ou *tevier*, que ocorre em documentos antigos». MEYER-LÜBKE, *Gramática*, § 284, admite que o português abandonou o *n* numa altura em que o *u* pós-tónico tinha ainda o seu valor vocálico.

⁴³ Cf. num doc. de 938: PLAZUM FACIO VOBIS... UT CONTINEA EA PLANTES ET EDIFICE IN QUANTO PLUS POTUERO, ET QUANTO IBIDEM PLANTARE ET EDIFICARE ET GANARE, POST PARTE DE IPSA ECCLESIA, ET SI ILLA LAXARE SINE VESTRE IUSSIA, AUT INDE ALIQUID AUT ALIA PARTE TPANSMEARE, AUT ALIQUA

SUBPOSITA... IBIDEM MISERI, PARIO (PMH, *Diplom. et Chart.*, 28, citado por GAMILLSCHEG, *Tempuslehre*, 280).

⁴⁴ Sobre as razões de ordem psicológica que levaram a esta revolução no latim vulgar, veja-se K. VOSSLER, *Neue Denkformen im Vulgärlatein in Hauptfragen der Romanistik*, 178 e sgs.

⁴⁵ Este futuro analítico, que dispensa o concurso da preposição, ocorre em autores antigos (*Inéditos de Alcobaça*, JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS) e modernos (CAMILO: *pão, querendo Deus, havemos tê-lo*), sendo frequentíssimo em escritores galegos contemporâneos; cf. CORNU, p. 1023.

⁴⁶ Em português arcaico era possível uma construção como *direy e non estar* (J. GARCIA DE GUILHADE), onde a desinência do primeiro verbo era referida ao segundo (Cf. Williams, 205).

⁴⁷ Veja-se GAMILLSCHEG, *Tempuslehre*, § 29 e 303. No latim clássico, a noção hoje expressa pelo condicional era indicada pelo conjuntivo do presente ou imperfeito.

⁴⁸ Cf. J. MOREIRA, *Estudos*, I, 81 e sgs.

⁴⁹ P. ex. *havia-lhe perguntar* (CAMÕES, *Enfatições*, I, 3). Também CAMILO emprega *havia dizer-lhe* «dir-lhe-ia»; cf. CORNU, 1023.

⁵⁰ Cap. XIII, pp. 146 e 41, respectivamente, da edição de J. J. NUNES. O original latino diz: ILLAM CAELESTEM [VITAM] AD QUAM PER PRAESENTIS VITAE HUMILITATEM ASCENDITUR (*Patrol. Lat.*, 66, 371).

⁵¹ Cap. XIV, pp. 149 e 43, respectivamente. Ocorrem ainda no texto os seguintes participios do futuro: *começadoiro*, «de começar», *idoiro* «que há-de ir», *ordiadoiro*, «que houver de seer ordenado», *rendadoiro*, «que há-de dar».

⁵² Cf. J. M. PIEL, *A formação de nomes de lugares e de instrumentos*, in *Boletim de Filologia*, VII, 39, segs.

⁵³ Apenas no napolitano do séc. XV existiam formas pessoais do infinitivo correspondentes às portuguesas; cf. GAMILLSCHEG, § 278. O espanhol desconhece totalmente a flexão do infinito, havendo só vestígios dela no antigo leonês, facto que explica a sua existência no mirandês actual.

⁵⁴ *Tempuslehre*, publ. em 1913, §§ 264-281.

⁵⁵ «O imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no português». Coimbra 1914 (Sep. do *Boletim da 2.ª Classe da Academia*, vol. III). Ver também «Sobre o uso do infinito impessoal e do pessoal em *Os Lusíadas*», in *Boletim de Filologia*, vol. I, 3-7 e 177-184.

⁵⁶ *Boletim da 2.ª Classe da Academia*, vol. XII, 312-331.

⁵⁷ Data de 1004 o mais antigo exemplo de um infinito nitidamente pessoal: ET INTRARUNT IN PLACITO TESTIMONIALE PRO IN TERTIO DIE DARENT TESTES SICUT ET FECERUNT (PMH, *Dipl. et Chartae*, p. 118).

⁵⁸ Um bom resumo das várias teorias encontra-se, com a bibliografia respectiva, na obra de Williams, pp. 179-182.

⁵⁹ O tipo clássico em -ETUM perdeu-se completamente; apenas os substantivos *queda* < *CADĒTA (cf. JOAQUIM DA SILVEIRA, *Revista de Portugal*, vol. VI, 14 s.) e *séda* «assento» < *SEDĒTA lembram a sua existência. De -ĪTUM há os vestígios *lêvedo* < *LEVĪTUM e *bêbado* < BĪBITUM.

⁶⁰ Que chegara a invadir a conjugação em -ir: *vêudo, vïudo* «vindo».

⁶¹ No *Juiz da Beira*, ed. MENDES DOS REMÉDIOS, II, 354: *E o trigo era creçudo*.

⁶² Veja-se também J. J. NUNES, *Particípio perfeito ou passivo*, in: *A língua portuguesa*, I, 69-72.

⁶³ Houve neste participio manifesta confusão com o verbo *repender* < REPĒNDERE.

⁶⁴ Cf. LEITE DE VASCONCELOS, *Opúsculos*, II, 98 (Vocabulário minhoto organizado, no séc. XVII, por D. Rafael Bluteau).

⁶⁵ O leonês *decho* reflecte a forma clássica.

⁶⁶ Principalmente em -SARE e -TARE. Cf. MEYER-LÜBKE, *Gramática*, § 333.

⁶⁷ Cf. M. SAID ALI, *Lexeologia do português histórico* (1921), pp. 126 e sgs., que traz excelente e abundante documentação sobre o uso antigo dos dois tipos de participio.

⁶⁸ A expressão é de LINDSAY, que cita uma série de exemplos latinos. Cf. *The latin language*, p. 543.

⁶⁹ Cf. SOMMER, *Formenlehre*, § 379.

Joseph-Marie Piel
In “Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa”
BN: L.41496V.

